

**CORPO E IMAGINÁRIO SOCIAL: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES
CORPORAIS DE JOVENS DO SEXO FEMININO DE UM AMBIENTE
ESCOLAR**

por

Anelise Ferreira Pieniz Lunge

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do
Centro de Desportos da Universidade Federal De Santa Catarina
como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física**

Agosto, 2002

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS**

A dissertação
CORPO E IMAGINÁRIO SOCIAL: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES
CORPORAIS DE JOVENS DO SEXO FEMININO DE UM AMBIENTE ESCOLAR
elaborada por
Anelise Ferreira Pieniz Lunge

E aprovada por todos os membros da banca examinadora foi aceita pelo Centro de
Desportos, como requisito parcial para à obtenção do título de

MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Data: 15 de agosto de 2002

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Márcia Silva (Orientadora)

Profa. Dra. Carmen Lucia Fornari Diez

Prof. Dr. Elenor Kunz

Prof. Dr. Maurício Roberto da Silva

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e iluminação.

Ao meu esposo Ribamar e ao meu filho André pelo amor, carinho e compreensão nos momentos de minha ausência. Obrigada pelo estímulo! Amo vocês!

Aos meus pais Luiz Carlos e Luci e minha irmã Lisiane pelo incentivo e ajuda. A vocês todo o meu amor.

A minha querida orientadora Ana Márcia pelo carinho, paciência e dedicação. Descobri em você uma pessoa muito especial. Obrigada por tudo!

A Escola de Educação Básica Professor Olavo Cecco Rigon, direção, professores e funcionários por terem aberto suas portas para a realização desta pesquisa.

As jovens da turma 3301 da Escola de Educação Básica Professor Olavo Cecco Rigon, que me auxiliaram na pesquisa.

A Universidade do Contestado – Concórdia/SC pelo incentivo.

A amiga Mônica, pelo auxílio nas oficinas. Muito obrigada, você é especial.

A querida colega de mestrado Cíntia, pela grande amiga que descobri em você.

A colega Cristina, do Olavo, pela ajuda nas fotos.

E a todos, não citados nesses breves agradecimentos, que, de alguma forma, ajudaram nessa caminhada.

Muito obrigada!

RESUMO

Organizar-se em pequenos grupos é uma das características dos seres humanos desde o princípio de sua existência. Através da convivência com outras pessoas e outros grupos, ele carrega consigo heranças e significados representados através de símbolos. As significações e relações de interdependências simbólicas se estabelecem em cada ordem social sendo influenciadas por vários fatores tais como o imaginário, as representações, a fachada, o cenário, os grupos, entre outros. A escola, assim como outros ambientes é sugestionada por diversos fatores determinados ideologicamente. Nele, os alunos, especialmente os jovens, descrevem sua história de vida, sua individualidade, sua ideologia. Por estar constantemente recebendo intervenções sócio-históricas, o corpo humano no ambiente escolar, muitas vezes torna-se insignificante, podendo prejudicar as representações corporais que seus alunos possam querer manifestar. A eles devem ser dadas oportunidades para construir sua sensibilidade, suas expressões, sua comunicação corporal, criando e re-significando suas próprias ações. Partindo do princípio que uma sociedade só pode ser formada através da sua trajetória social-histórica e que a escola e os jovens são parte desta sociedade, o principal objetivo desta investigação foi identificar as representações corporais de jovens do sexo feminino de um ambiente escolar, relacionando-as com os cenários, fachadas, estigmas, grupo, corporalidade, as culturas juvenis (determinadas pelos simbolismos) e o imaginário social. Esta pesquisa baseou-se nos pressupostos etnometodológicos os quais objetivam o estudo e a análise das atividades cotidianas de um determinado grupo social procurando descobrir a forma como elas tornam-se visíveis, racionais e reportáveis. Foram investigadas um grupo de jovens do sexo feminino com idade entre 14 e 16 anos, estudantes da Escola de Educação Básica Professor Olavo Cecco Rigon no município de Concórdia, Santa Catarina. Verificou-se que a escola constitui um dos ambientes sociais mais importantes na vida das jovens, pois suas representações corporais estão ligadas a vários simbolismos determinados pelo imaginário social. Pode-se citar a mídia, representada por revistas que elas mais gostam de ler, as quais há uma grande identificação com as representações das jovens, na criação de estigmas e estereótipos. Percebeu-se que para cada um dos ambientes que uma escola possui, as jovens manifestam comportamentos e atitudes diferenciadas, ou seja para cada ambiente e para cada grupo que participam apresentam-se com fachadas diferenciadas. Todos os aspectos observados nesta investigação, reforçam o argumento inicial de que o imaginário social exerce influência nas representações corporais no ambiente escolar, significando a importância de sua identificação como uma forma de modificar, aprimorar e adequar os elementos pedagógicos referentes ao trato com o corpo das jovens nos ambientes escolares.

ABSTRACT

Organizing ourselves in groups has been a characteristic of human beings since of existence. Being together with other people and others groups carries heritage and meanings shown through symbols. The meanings and the symbolic relations are established in each social order, which are influenced by many factors such as the imaginary, representations, the scenario, and groups, among others. The school as well as other environments is suggested by many different factors determined ideologically. There, the students, especially teenagers describe their life history, their individuality and their ideology. The human body is constantly receiving social-historical intervention and because of this it becomes insignificant in the school environment. This can harm the body expressions that students may want to show. They should be given the opportunity to build their sensibility, their expressions and their body language, creating a meaning to their actions. A society can only be formed through their social-historical heritage and the school and the teenagers are part of this society. The aim of this investigation was to identify the body language used by female students in the school environment, interacting with the scenario, the façade, the group, the stigmas, other young cultures and their cultural imaginary. This research was based in etnometodological assumptions and analyses everyday activities of a certain social group and finds out how they become visible, rational and reportable. A group of teenagers aged between 14 and 16 from Olavo Cecco Rigos School in Concórdia/SC were investigated. The school makes up one of the most important social environments in a teenager's life, because their body language is linked to various symbolism determined by the social imaginary. We could name the media, represented by the magazines they most like reading in wich there is a great identification among them, in the creation of stigmas and stereotypes. It was notice that for each school environment, the teenagers behaved differently. From all the aspects studies in this research the initial argument was reinforced wich means that the social imaginary influences their body language in the school environment. This suggest the importance of identifying these influences to modify, improve and adjust pedagogical elements refering to the body awareness in the school environments.

ÍNDICE

LISTA DE ANEXOS	vi
LISTA DE FIGURAS	vii
CAPÍTULO	
I. INTRODUÇÃO	09
Os Caminhos Trilhados	
O Cenário Principal: Colégio Olavo	
As Atrizes: O Grupo De Alunas	
O Pano de Fundo: Nossa Bat Caverna	
As Ações realizadas na Bat Caverna	
II. O IMAGINÁRIO SOCIAL E SEUS SIMBOLISMOS: Uma análise das representações corporais das jovens	25
Para compreender o termo imaginário social	
Uma perspectiva dos simbolismos juvenis	
Representações corporais e os ambientes sociais	
III. AS CULTURAS JUVENIS E AS SUBJETIVIDADES: compreendendo as representações corporais em interações sociais	54
Os jovens e suas culturas	
Os cenários e as fachadas nas representações corporais	
O corpo e seus estigmas	
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
ANEXOS	89

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1- A cor do sucesso

Anexo 2- Patrulha do umbigo

Anexo 3- Índice da revista

Anexo 4- Meu pai fuma maconha comigo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Foto aérea do Colégio Olavo Cecco Rigon	14
Figura 2- As jovens	17
Figura 3- Batcaverna	20
Figura 4- Prédio do Colégio Olavo Cecco Rigon.....	24
Figura 5- Pátio interno do Colégio Olavo	
Figura 6- Jovem com calça baixa e piercing	
Figura 7- O "uniforme" estudantil.....	
Figura 8- Mesinhas na entrada do Colégio Olavo	
Figura 9- Ambiente do bar	
Figura 10- Desenho do rosto	
Figura 11- Desenho da orelha	
Figura 12- Desenho da bruxinha	
Figura 13- Área na entrada principal.....	
Figura 14- Pátio interno do Colégio Olavo	
Figura 15- Tribo de jovens	

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Desde o princípio de sua existência, organizar-se em pequenos grupos é uma das características da vida humana, sendo que cada grupo vai construindo características próprias determinadas pelas convivências interna e externa, de cada grupo respectivamente, além de suas relações com a natureza.

Através da convivência estabelecida com outras pessoas, os seres humanos carregam consigo heranças e significados que são representados através dos mais variados símbolos. Cada símbolo possui suas significações conforme o interesse desejado, bem como, mantém relações de interdependências simbólicas que se estabelecem em cada ordem social. As significações e as relações de interdependência vão sendo influenciadas por vários fatores, tais como: o imaginário, as representações, a fachada, o cenário, os estigmas, a corporalidade entre outros, temáticas que foram tomadas como referência por compreendê-las como profundamente relacionadas aos objetivos centrais dessa pesquisa.

A escola é considerada um dos ambientes sociais mais importantes da vida dos seres humanos mas, assim como outros ambientes, recebe influências de diversos fatores determinados ideologicamente.

No ambiente escolar, os estudantes, especialmente os jovens, constroem e descrevem sua história de vida, sua individualidade, sua compreensão social, sua

corporalidade. O que se acompanha em boa parte das instituições escolares é uma concepção de processo ensino-aprendizagem como um ato puramente mental, para o qual seria necessário tolher a dinamicidade dos movimentos dos estudantes desde sua entrada na escola.

O tratamento dado ao corpo, na instituição social – escola -, independente do grau de ensino, normalmente realiza-se de forma mecanicista, comparando educandos a máquinas reprodutoras apenas de conteúdos preestabelecidos; por serem comparados a máquinas, são considerados apenas meros repetidores de conteúdos e ações. Os educandos, neste caso, têm as condições de possibilidades do desenvolvimento da sua corporalidade reduzidas e previamente direcionadas.

Acredita-se, que as escolas são um espaço de intervenção no desenvolvimento integral dos educandos, a partir de sua função social. Porém a forma como a sociedade, através de suas instituições trata os seres humanos, faz com que eles percam a possibilidade de uma comunicação mais próxima com sua dimensão corporal. Esta falta de comunicação é preocupante e expressa-se nas suas representações corporais, em função das influências da ideologia dominante e do imaginário social assimiladas no próprio contexto escolar.

A curiosidade em aprofundar o tema relacionado às representações corporais dos jovens no ambiente escolar e suas relações com o imaginário social surgiram, em primeiro lugar, por observar que existem poucos estudos referentes ao Ensino Médio. Em segundo lugar, porque se percebeu, ao longo da experiência profissional, certa desestrutura nas práticas e também nas representações corporais dos jovens nas aulas de Educação Física ministradas na Escola de Educação Básica Professor Olavo Cecco Rigon, no município de Concórdia – SC, para alunos do Ensino Médio. O educando que ingressa no Ensino Médio encontra-se com idade em torno dos 14 ou 15 anos e, na

maioria das vezes, carente de práticas corporais específicas, mais direcionadas aos seus interesses e necessidades. No ambiente escolar, é notória a influência das práticas esportivas competitivas voltadas ao desenvolvimento corporal dos jovens, ficando esquecidas as práticas corporais diferenciadas, propostas com outras metodologias que auxiliem em sua auto-formação, no desenvolvimento integral destes educandos.

Essas observações feitas ao longo da experiência profissional levaram a busca das relações desses dados com os comportamentos e atitudes dos jovens e o imaginário social. Busca-se, assim, aprofundar estudos sobre os jovens que possibilitem uma maior compreensão das suas atitudes, desenvolvimentos, relacionamentos tanto na vida familiar quanto no ambiente escolar e social aos quais estão inseridos, especialmente considerando suas corporalidades.

Partindo do princípio que uma sociedade só pode ser formada através da sua trajetória social-histórica e que a escola e os jovens são parte desta sociedade, objetiva-se através deste projeto identificar as representações corporais de jovens do sexo feminino de um ambiente escolar. Para tal, este objetivo, foi desdobrado em outros objetivos que auxiliariam no cumprimento da tarefa. São eles: identificar as representações corporais dos jovens no ambiente escolar relacionadas aos cenários, fachadas, estigmas, grupos e a corporalidade, bem como analisar as relações entre as culturas juvenis (determinadas pelos simbolismos) e o imaginário social das jovens dentro deste ambiente escolar.

Neste primeiro capítulo, serão apresentados os caminhos da investigação. É de fundamental importância conhecer os motivos pelos quais surgiu o interesse em realizar tal investigação, que foram denominados de Caminhos Trilhados, especificando a trajetória profissional da pesquisadora até o momento da realização deste estudo. “O cenário principal”: Colégio Olavo local em que se passou toda a investigação também

encontra-se descrito neste capítulo, pois sem ele não seria possível coletar dados tão importantes, e a descrição das “Atrizes Principais”, na forma como foram denominadas as jovens que fizeram parte do estudo; no item “Os Panos de Fundo: nossa “Bat caverna” está descrito o local onde realizaram-se as oficinas de trabalho e no último item intitulado “As ações realizadas na “Bat caverna”, descreve-se a metodologia empregada na investigação.

No segundo capítulo, serão abordadas questões relativas ao imaginário social, e as relações entre as culturas juvenis e as representações corporais, incluindo, nesta discussão, a questão dos simbolismos. Neste capítulo serão discutidos pontos relacionados com a ideologia proporcionando a aproximação daquelas com o ambiente pesquisado.

O terceiro capítulo estará composto por reflexões que girarão em torno do cenário e das fachadas em que se realizam as ações do grupo presentes no cenário, os estigmas estabelecidos associando-os a corporalidade e suas concepções de corpo.

Finalmente, como última parte desta pesquisa, estabeleceu-se as ligações entre os temas analisados, destacando-se a idéia que este é um estudo descritivo-exploratório, considerando a condição inicial da análise sobre o imaginário social e suas influências nas representações corporais em ambiente escolar. Por ser um tema que ainda possui poucos estudos também são apontadas referências para aprofundamentos futuros desta temática.

Os caminhos trilhados

Neste momento torna-se importante fazer uma retrospectiva histórica para que se possa compreender os motivos que instigaram o tema desta pesquisa.

A pesquisadora é professora efetiva na rede estadual desde 1990. No início de sua carreira profissional, antes da efetivação trabalhou em algumas escolas situadas no interior do município de Concórdia. Estas escolas, em sua maioria possuem poucos alunos e, como eram estaduais possuíam turmas de Pré-Escola a 8ª série do Ensino Fundamental. Por estarem localizadas no interior do município, geralmente suas turmas tinham poucos alunos e todos eles muito comprometidos com suas responsabilidades de estudantes.

Com o passar dos anos foi removida para uma escola em um bairro na sede do município, também não era muito grande com relação ao número de alunos, porém com Ensino Fundamental e Ensino Médio completos. Havia, na época uma turma de cada série em cada período. Nesta época, ministrava aulas somente para o Ensino Fundamental, ou seja, tinha somente turmas de Pré-escola a 4ª série. Não é possível fazer qualquer comparação entre as características dos estudantes de Ensino Fundamental (1ª a 4ª série) e o Ensino Médio, pois as diferenças estabelecem-se pelas características dos seres humanos conforme as faixas etárias. Compromissos profissionais fizeram com que ela se afastasse por dois anos da rede estadual para dedicar-se somente ao Ensino Superior.

Conforme rumores que o governo estadual determinaria que todos os professores que estavam em licença sem remuneração deveriam retornar as unidades escolares, ficou com receio de ter que retornar a alguma escola do interior, então solicitou que sua licença fosse interrompida, escolhendo a Escola de Educação Básica Professor Olavo Cecco Rigon, situada no centro no município. Foi, então, nesta Unidade Escolar que iniciou toda sua inquietação com relação aos jovens.

O cenário principal: Colégio Olavo

*“O local de onde parte o olhar é um espaço antropológico. Aquele que olha o faz a partir de uma determinada perspectiva e de um imaginário social”
(Teves, 1992, p.13)*

O conceituado educandário chamava-se Colégio São José, tradicional colégio do município de Concórdia. Era dirigido por religiosas, que além de desenvolverem suas atividades no convento também se dedicavam à educação. As construções onde se instalam os religiosos em sua maioria são amplas, com vários prédios.

Hoje, o antigo Colégio São José, chama-se Escola de Educação Básica Professor Olavo Cecco Rigon, em homenagem a um importante cidadão concordiense que, foi professor e diretor desta Unidade Escolar.



FIGURA 1 - FOTO AÉREA DO COLÉGIO OLAVO CECCO RIGON

O amplo ambiente físico continua o mesmo, pois são construções características de ambientes religiosos. Porém, algumas reformas tiveram que ser realizadas com o intuito de ampliar algumas instalações, estabelecendo um maior conforto aos usuários

do ambiente escolar. Compreende, dois prédios de três andares, dispostos paralelamente no terreno da escola, que abrigam a maioria das salas de aula e um com biblioteca e auditório. Ao centro localizam-se outras instalações, tais como: secretaria, sala da direção, sala dos professores, cozinha, refeitório, uma área coberta, três quadras, e um ginásio de esportes. Na entrada estão dispostas algumas mesinhas embaixo de frondosas árvores, as quais também são usadas durante as aulas pelos professores.

É um ambiente muito grande e que comporta aproximadamente novecentos alunos por turno. É considerada uma escola de grande porte destacando-se como uma das maiores do estado de Santa Catarina.

Até o ano de 2000, o Olavo, como é tradicionalmente conhecida pela comunidade concordiense era uma escola que contemplava da Pré-Escola ao Segundo Grau, mas conforme Programa da Secretaria Estadual de Educação a escola passou por um processo de re-ordenamento do ensino tornando a escola uma “Escola de Jovens”. O corpo docente posicionou-se contra esta nova proposta da Secretaria de Educação, porém “teve” que se inserir no novo programa, pois lhes foi alegado que não receberiam auxílio financeiro e prestígio perante o governo estadual. Passou, então, a partir do ano de 2000, a possuir somente da 7ª série do Ensino Fundamental a 3ª série do Ensino Médio.

De fato, tornou-se uma escola de jovens porque a faixa etária que compreende seus estudantes está entre 13 e 18 anos (em média). Após uma semana de reuniões e estudos sobre a nova proposta, pode-se perceber que os interesses estavam centralizados somente nos bens materiais que a nova proposta proporcionaria à escola, deixando de lado a preocupação em capacitar o corpo docente para a nova realidade que iriam enfrentar durante o ano letivo no ambiente escolar. Neste momento nasceu na pesquisadora uma grande preocupação e vários questionamentos: “como trabalhar com

jovens?"; "será que o corpo docente está preparado para se relacionar com eles?"; "há um preparo no ambiente escolar para que os jovens sintam-se à vontade?"; "o corpo docente está acompanhando as transformações sociais, que tanto influenciam nas atitudes diárias dos jovens"? Tantas inquietações transformaram-se em objeto de estudo desta pesquisa, com o objetivo de auxiliar a compreensão das modificações sociais com relação aos jovens dentro do ambiente escolar.

Esta pesquisa realizou-se nas dependências desta escola descrita acima, que compreende aproximadamente dois mil e setecentos alunos distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno. Nos turnos matutino e vespertino, funciona desde a 7ª série do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio e duas turmas da Classe de Aceleração, enquanto que no noturno funcionam somente as três séries do Ensino Médio.

Por ser uma escola pública tendo seu ensino gratuito, concentra alunos provenientes de várias origens sócio-econômicas. Convém ressaltar que no turno da manhã, os alunos são, em sua maioria, moradores do centro e de alguns bairros próximos a Escola, tendo um nível sócio-econômico médio e a maioria é somente estudante. Já os alunos do turno vespertino, em sua maioria, trabalham de manhã e provém de famílias de nível sócio-econômico mais baixo, geralmente do interior do município. Os alunos do turno noturno também são "alunos-trabalhadores", alguns provenientes do interior e outros moradores da cidade; o nível sócio-econômico destes também é baixo.

O conhecimento mais aprofundado do cenário principal onde se passam as representações dos jovens, proporcionou uma maior interação com este espaço facilitando a análise do tema proposto.

As atrizes: o grupo de alunas

Quem fala a história? É alguém de uma época, de uma sociedade, de uma classe determinada – em suma, é um ser histórico” (Castoriadis, 1982, P.46)

Após ter delimitado que o campo de pesquisas seria o Olavo, decidiu-se observar os alunos e alunas de um modo geral, procurando encontrar um grupo que se encaixasse nas possibilidades e objetivos da pesquisa.

A princípio optou-se em trabalhar com um grupo misto, mas a medida que foi-se observando os jovens percebeu-se que tornar-se-ia muito grande o universo de análise se o trabalho fosse realizado com “eles” e “elas”, inclusive porque na faixa etária escolhida, percebe-se diferenças corporais e comportamentais entre os sexos, o que dificultaria o trabalho.

Decidiu-se, então por trabalhar somente com as meninas. Mas quem escolher? Como fazer para selecionar o grupo? Sem saber qual realidade encontraria, após rápida pesquisa nos arquivos da escola, escolheu-se a turma 3301, do turno matutino, da primeira fase do Ensino Médio, por ter um número expressivo de jovens do gênero feminino e pelas mesmas estarem dentro da faixa etária estabelecida para o estudo.



FIGURA 2- AS JOVENS

O primeiro contato estabelecido com as atrizes principais foi de manhã, no horário de aula normal. Elas estavam na aula de Educação Física. O professor da disciplina prontamente cedeu um momento de sua aula para que a pesquisadora conversasse com as jovens.

Neste dia falou-se sobre o projeto, foi lhes explicado os objetivos e a metodologia a ser adotada. Solicitou-se que as mesmas conversassem com seus pais, pedindo-lhes permissão para participarem deste estudo. Marcou-se os dias e o horário dos encontros. Ficou acertado que os encontros seriam nas segundas e quintas, das quatorze horas às quinze horas e trinta minutos.

As atrizes que fizeram parte do grupo estão com idade entre quatorze e dezesseis anos. Praticamente todo o grupo reside no município de Concórdia, sendo que seis famílias no centro, nove em bairros e uma família mora em um município próximo a Concórdia.

Por ser uma turma heterogênea, as origens étnicas são as mais diversas. As jovens são de origem italiana, alemã, polonesa, russa, de famílias originárias do próprio município. Apenas uma delas veio do Nordeste do Brasil, trazendo consigo características familiares oriundas dos povos negros, índios e holandeses.

As profissões de seus pais são variadas; alguns são comerciários, outros são funcionários públicos, enquanto que algumas mães são professoras, funcionárias públicas, domésticas e do lar. Quanto ao grau de escolaridade dos pais, somente dois casais, entre dezesseis possuem terceiro grau completo, duas pessoas o Ensino Médio e os demais possuem apenas o Ensino Fundamental incompleto.

Após as análises das profissões e do grau de escolaridade das famílias, percebe-se que a condição econômica do grupo situa-se em nível médio. Estes dados são

relevantes, pois poderão exercer, de certa maneira, influências nas atitudes e comportamentos cotidianos e nas representações corporais das jovens ao longo do tempo.

O pano de fundo: nossa “bat¹” caverna

“A decoração e os acessórios de um lugar onde uma representação particular é comumente feita, bem como os atores e o espetáculo geralmente ali encontrados, contribuem para fixar uma espécie de encantamento sobre ele. Mesmo quando a representação costumeira não está sendo executada, o lugar continua a guardar alguma coisa de seu caráter de região de fachada”. (Goffmann, 1975, p.117).

Convenientemente chamou-se de “bat caverna”, os bastidores da pesquisa onde aconteceram as sessões de trabalho que foram construídas com o objetivo de coletar os dados empíricos desta pesquisa.

Entre tantos ambientes existentes no Olavo, procurou-se uma sala onde os trabalhos pudessem ser realizados sem a interferência de outras pessoas da própria escola. Encontrou-se uma sala que não é usada diariamente, localizada no terceiro andar de um dos prédios. Neste funciona a Biblioteca no primeiro andar, as salas de aula da Classe de Aceleração no segundo andar e, no terceiro andar localizam-se algumas em desuso e o Auditório, onde praticamente não circulam pessoas pelos corredores.

¹ Termo utilizado pelo personagem Batman, no filme Batman, da Warnner Bros, 1990)



FIGURA 3- “BATCAVERNA”

A pesquisadora procurou preparar um ambiente que agradasse o grupo. Afastou as mesas e cadeiras deixando um grande espaço no centro da sala. Espalhou alguns colchonetes para que as atrizes ficassem à vontade. Colou um grande papel pardo na parede que teve como objetivo deixar registrado os trabalhos do grupo.

As sessões de trabalho foram chamadas de “Oficinas”. Elas foram realizadas na “bat caverna” em um total de doze encontros, sendo que cada encontro explorava determinado assunto através das dinâmicas de grupo, de entrevistas semi-estruturadas com questões de orientação previamente elaboradas, observação das imagens das fotos das atrizes e/ou tiradas por elas e também fotos das revistas. Elas objetivaram através da observação participante analisar as representações corporais e suas relações com o imaginário social dentro de um ambiente escolar.

As oficinas foram registradas através de gravações para garantir a fidedignidade das falas no momento da transcrição.

As ações realizadas na “bat caverna”

“Conhecer uma realidade é, portanto, reconhecê-la como historicamente determinada, constituída por sujeitos que a representam, a simbolizam. Sob a forma de percepção, de intuição, de sensações, de concepções, a realidade é sempre uma realidade para um indivíduo ou grupo de indivíduos que compartilhem entre si o sentido dessa realidade” (Teves, 1992, p.7)

Um trabalho de cunho etnográfico determina o percurso do autor. Para cada caminho trilhado, muitas são as informações que poderão ser coletadas. Ao analisar-se dados obtidos na pesquisa de campo baseados em uma série de informações, tais: como observações, diário de campo, entrevistas semi-estruturadas e fotografias, reelabora-se o cotidiano das pessoas envolvidas no processo da pesquisa.

Pais (1993), ao realizar importante análise das culturas juvenis e a vida cotidiana percebeu que para “(...) aprender e perceber a lógica social das articulações específicas entre, por um lado, transformações econômicas e, por outro lado, transformações concernentes às formas sociais, familiares e individuais da vida dos jovens, necessário se tornava penetrar nos meandros da vida cotidiana dos jovens, na compreensão dos seus modos de vida, das suas sociabilidades, dos usos que do tempo faziam” (p.11)

Esta se caracterizou como uma pesquisa qualitativa baseada nos pressupostos etnometodológicos. A etnometodologia, segundo Haguette (1995) “[...] estuda e analisa as atividades cotidianas dos membros de uma comunidade ou organização, procurando descobrir a forma como elas as tornam visíveis, racionais e reportáveis” (p.49). Este método permite a utilização da fala dos participantes, pois é através das demonstrações verbais que o contexto cultural dos pesquisados é demonstrado por eles próprios, permitindo o maior acercamento da realidade a ser investigada.

A pesquisa de cunho etnográfico pode estar inserida no interacionismo simbólico, porque tenta ver o mundo através dos olhos dos atores sociais e dos sentidos

atribuídos por eles aos objetos e ações que desenvolvem, pois, os sujeitos não existem sem as suas falas, eles se produzem ao mesmo tempo, não existindo um sem o outro.

Segundo Castoriadis (1982),

ter uma experiência da história enquanto ser histórico é ser na e da história, como também ser na e da sociedade. E, deixando de lado outros aspectos desta implicação, isto significa: pensar necessariamente a história em função das categorias de sua época e de sua sociedade bem como pensar a história em função de uma interação prática ou de um projeto (p.47).

Isso significa que a primeira idéia refere-se as categorias da evolução humana e a segunda aos projetos que fazem parte da história.

Sendo ser *na* e *da* história e da sociedade, o sujeito focaliza seu olhar no mundo mediante o foco estabelecido em seu próprio mundo, conforme o seu ponto de vista. Este ser *na* e *da* história e da sociedade estabelecido por Castoriadis, possibilita o estudo do imaginário social e das representações corporais dos seres humanos em qualquer um dos ambientes sociais, mediante sua história.

Os instrumentos utilizados buscaram compreender a dramaturgia social de Goffman como uma teoria que se caracteriza pela busca da compreensão de como os grupos se adaptam às estruturas sociais e a importância das aparências no comportamento dos indivíduos; possibilita, assim, correlacionar tais questões com elementos do simbolismo e da teoria do imaginário social desenvolvida por Castoriadis. Pois, segundo Pais (1993), “[...] montar uma estratégia de conhecimento através do cotidiano, o que exigiu uma perspectiva metodológica de acercamento à realidade vivida pelos jovens, através de uma observação em profundidade, etnográfica, dos seus contextos individuais e biográficos” (p.14).

Ao optar pela pesquisa qualitativa de cunho etnográfico com a participação e engajamento no processo de compreensão da investigação, foi necessário adotar alguns procedimentos metodológicos.

A observação participante que objetivou a inserção da pesquisadora no grupo, favorecendo descrições mais adequadas dos fenômenos. Para alcançar os objetivos foi elaborado um plano de observação, juntamente com um diário de campo para o registro das observações.

Durante as oficinas utilizou-se o Método Grupo Focal (DeAntoni, 2000; Morgan, 1997). Este método é utilizado em pesquisas qualitativas com o objetivo de investigar a visão dos participantes em relação a uma experiência, tema ou evento através da interação grupal, desenvolvido através dos seguintes procedimentos:

1. *Rapport*: esta parte inicial do método permite ao pesquisador realizar um contato com o grupo para amenizar a ansiedade inicial abrindo caminhos para a posterior realização das demais etapas.
2. Técnicas de dinâmica de grupo: em cada encontro foram realizadas atividades que favoreceram a descontração do grupo.
3. Discussão: durante as dinâmicas de grupo foram propostas questões de orientação previamente elaboradas, relacionadas com o imaginário social, as representações corporais, o ambiente escolar e a corporalidade, para manter a discussão do grupo no tema pesquisado.
4. Avaliação: ao final de cada encontro solicitou-se que as atrizes falassem sobre sentimentos surgidos frente ao tema, como forma de facilitar a análise das discussões estabelecidas frente aos objetivos.

Cada sessão teve a duração de aproximadamente uma hora e trinta minutos, e aconteceram duas vezes por semana, sendo gravadas e transcritas posteriormente.

As temáticas da pesquisa também estão presentes nas imagens. Como complemento de análise das observações obtidas foram utilizadas imagens retiradas das revistas mais lidas pelas jovens pesquisadas, bem como fotos tiradas por elas próprias (delas e de

outras pessoas), suscitando, assim, a discussão sobre as representações corporais e as relações que estabelecem com o imaginário social.

Optou-se, em identificar as jovens com nomes que iniciam com a letra “R”, o que facilitou o acompanhamento e a análise das suas manifestações ao longo da pesquisa.



FIGURA 4- PRÉDIO DO COLÉGIO OLAVO CECCO RIGON

CAPÍTULO II

O IMAGINÁRIO SOCIAL E SEUS SIMBOLISMOS: Uma análise das representações corporais das jovens

Por serem constituídos no seio deste tipo de sociedade na qual estão inseridos, os seres humanos trazem, em suas condutas cotidianas, características que serão assimiladas e reconstruídas no transcorrer de seu desenvolvimento.

Cada realidade social possui ideologias próprias, além da ideologia predominante na sociedade, as quais podem ser observadas nas pessoas que nela estão inseridas. Estas ideologias se fazem presentes em todos os segmentos sociais influenciando na política, na economia, na sociedade, além da educação.

Apesar de viverem em grandes grupos que podem ser denominados de sociedades, cada grupo de indivíduos mantém, entre si, vários subgrupos. Tanto os grandes grupos quanto os subgrupos influenciam-se mutuamente e estas influências que seus integrantes recebem uns dos outros podem estar nitidamente embasadas em ideologias as quais caracterizam e dirigem as práticas sociais, os atos, as representações, as emoções, as idéias e a imaginação.

Segundo Teves (1992), “cada realidade social é dotada de uma inteligibilidade própria, permeando normas, interesses coletivos e valores, princípios morais, enfim a vida coletiva dos indivíduos” (p.18).

O campo de investigação da vida cotidiana é vasto, possibilitando diferentes focos de análise. Apesar deste estudo estar centralizado num plano micro constituído por um ambiente escolar, não serão descartadas as características macroscópicas apresentadas pela sociedade.

Várias linhas de pensamento se desenvolveram ao longo do tempo com relação aos estudos da vida cotidiana. Muitos autores referem-se ao fato de que estudar a vida cotidiana não significa dividi-la em pedaços e tentar remontá-la como um quebra-cabeça, analisando somente cada pequena peça individualmente. Este estudo depende de uma série de fatores que, interligados, formam o cotidiano das pessoas. O Olavo apresenta-se como um grande quebra-cabeça representado pelos diferentes ambientes que possui. Este quebra-cabeça não pode ser estudado aos pedaços, é importante levar em consideração as normas, os interesses coletivos e os valores que, em conjunto, formarão o cotidiano de quem o frequente.

A espontaneidade pode ser considerada como um dos fatores que auxiliam na formação do cotidiano das pessoas, pois se caracteriza por atitudes inovadoras excluindo, muitas vezes, as atitudes repetitivas das pessoas que o compõem.

Para Pais (1986), “[...] o quotidiano pode constituir um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é um lugar revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação das sociedades e de determinados conflitos que opõem os agentes sociais” (p.8).

Nesta ótica, quando se realiza uma investigação social em determinado grupo social tomando como base o cotidiano do grupo, depara-se com propriedades que formarão o imaginário social da realidade em questão. Entre tantas características pode-se citar as representações, as estruturas de sentido, os significados, os simbolismos os

quais se estabelecerão como idéias sistematizadas, baseadas em determinado sistema ideológico que auxiliarão na elaboração da compreensão de uma dada realidade.

Toda sociedade constitui sua ordem simbólica, tomando um sentido diferente daquele que o indivíduo pode vir a organizar. Este processo não acontece de forma livre, mas toma como base o que já existe. Assim como uma nova construção que se solidifica sobre as ruínas de edifícios simbólicos precedentes, pois dela farão parte o excepcional, a aventura, o sonho como manifestações simbólicas.

Cada jovem que adentra o ambiente escolar traz consigo ações próprias e no transcorrer de sua interação no ambiente escolar pode vir a organizar novas composições, solidificando aquelas que já possui.

As regras sociais instituídas podem aparecer de forma positiva, não contradizendo outras, mas não decorrendo delas. São estabelecidas sem questionamentos quanto a preferência, podendo existir um grande número de conseqüências ao se fixarem em determinada sociedade. Toda regra social estabelece que a vida em sociedade tem algo a exprimir tanto verbalmente quanto corporalmente.

Os simbolismos formados por uma sociedade fazem parte de uma rede integrada pelo natural, o histórico e o racional, tudo isso permitindo o surgimento dos significados e dos significantes. O simbólico, muitas vezes, é utilizado pelos seres humanos sem se deixar dominar por eles, podendo tal uso ser feito de forma lúcida e refletida.

Ao adentrar em um ambiente social como a escola, percebe-se as normas, os valores, os princípios morais, os interesses coletivos, os simbolismos desenvolvidos neste ambiente, conforme é demonstrado por uma das atrizes da pesquisa, no momento em que está interagindo no cenário escola:

“Nesta escola existem muitas diferenças entre os estudantes, que aparecem conforme os princípios, costumes, maneiras de cada um ser. Percebo que, apesar de termos regras, deveres e direitos a cumprir, acabamos influenciados por idéias do grupo de colegas, assim como também acabamos influenciando os outros com algumas de nossas idéias” (Rebeca).

No diálogo com os sujeitos desta pesquisa percebe-se a influência do imaginário social e também dos processos ideológicos presentes no ambiente escolar. A atriz *Rebeca* externou o que Teves (1992) chama de “comportamentos recíprocos dos indivíduos” (p.18), relacionando as intervenções que o meio exerce sobre os seres humanos, tornando-os seres sociais e ao mesmo tempo individuais.



FIGURA 5 - PÁTIO INTERNO DO COLÉGIO OLAVO

Na convivência com o outro, os seres humanos carregam marcas que a sociedade lhes imprime levando consigo heranças e significados sociais. Entende-se, então, o conceito de seres humanos como seres sociais e individuais, pois segundo Goffman (1985), ele “[...] é o sujeito efetivo totalmente penetrado pelo mundo e pelos outros” (p.128). As heranças, neste contexto, são entendidas pelo autor como coletivo anônimo,

pois não estão impressas somente no sujeito, mas num contexto maior que é o coletivo social.

A sociedade, então, molda-se no social, enquanto instância anônima que se constrói para se instituir e nos seres humanos que participam desta constituição. E a verdade dos seres humanos estará enraizada na própria sociedade e na história, mesmo quando eles realizam a sua autonomia.

As raízes sociais e históricas permitem aos seres humanos, inseridos em determinada sociedade, externalizar suas opiniões conforme as influências que recebem do meio. Para que as atrizes pudessem externar suas opiniões com relação a situações sociais diferenciadas foram apresentadas pela pesquisadora, reportagens retiradas da Revista Veja. Foi escolhido este meio de comunicação por ser de ampla divulgação nacional, direcionada a todas as faixas etárias e conter assuntos variados.

Na reportagem intitulada “A Cor do Sucesso” (Cardoso, R. e Capriglione L.), são levantadas questões referentes aos índios e negros e aos preconceitos estabelecidos contra eles pela sociedade. Ressalta que os negros, índios e outras raças, nos últimos tempos vêm adquirindo uma maior valorização pela sociedade, principalmente aqueles que estão inseridos no meio artístico. Percebe-se, nesta reportagem, a presença do preconceito pela forma como ela foi escrita. (Anexo 1).

Roberta, referindo-se a reportagem, externou a seguinte opinião:

“Nosso país ainda é preconceituoso, índios e negros ainda sofrem com isso, afundando ainda mais a imagem do país. Aos poucos essas raças vem se destacando na sociedade, e mostrando que também tem potencial, ajudando a combater o preconceito. A classe social também aumenta o preconceito com essas pessoas, quanto mais pobre, mais sofre preconceito” .

Raquel, faz uma analogia importante em relação ao racismo e as classes sociais deixando um rastro de preconceito em sua escrita,

“Se entrasse um negro sujo, fedido em sua casa e pedisse um lugar para comer e dormir, você iria dispor uma cama e comida para ele, provavelmente não; mas se entrasse o Pelé você iria sair correndo e abraçá-lo e tratá-lo com amor e carinho”.

As duas falas situam os moldes que a sociedade imprime nos seres humanos e que são refletidos nas próprias ações destes indivíduos externando verdades instituídas histórica e socialmente. Percebe-se que as jovens atrizes pesquisadas são sugestionadas pelas opiniões do meio no qual estão inseridas, mas mantém certa dose de preconceito disseminado pela sociedade. Estas manifestações espontâneas são caracterizadas pelas heranças estabelecidas pelo coletivo anônimo e interpostas no coletivo social, através das próprias significações sociais subjetivas.

Para compreender o termo imaginário social

Para um melhor entendimento das heranças que são impressas no sujeito, é importante a compreensão do significado do termo imaginário social e sua trajetória histórica perpassando universos diferenciados que vão desde as artes até o foco de estudo deste trabalho que são as representações corporais em um determinado ambiente escolar.

Os estudos referentes ao imaginário vêm de longo tempo e a atenção dada a este estudo talvez tenha iniciado através de um texto do sociólogo Pierre Francastel (1968), o qual analisa o imaginário como uma perspectiva de “visão sociológica dos fenômenos estéticos”, conforme cita Queiroz (1993, p.9). Inicialmente estudou-se as manifestações do imaginário com relação a manifestações artísticas; posteriormente outros autores,

entre eles Bastide, investigou o imaginário através da perspectiva da realidade social a qual estavam inseridos os(as) autores(as) das obras de arte.

Para Bastide, citado por Queiroz (1993), “[...] toda obra humana, todos os comportamentos, todas as opiniões, estavam indelevelmente marcadas pelo meio social em que se haviam originado, e se diferenciavam de acordo com a variedade dos grupos e das sociedades, mas também com a posição de cada criador de arte em seu interior” (p.10).

O adjetivo imaginário, o qual deriva da palavra imaginação, significa segundo Ferreira (1998), “que só existe na imaginação, ilusório, fantástico”, pode, em muitos momentos estar presente naquilo que é possível aparecer, ou seja, nas representações concretas dando-lhe a significação de algo que existe na realidade.

Já para Castoriadis (1985), é compreendida como “[...] potência indeterminada e indeterminável ao mesmo tempo que determinante”(p.99). O autor refere-se aquilo que pode ser criado, construído através de novas formas, ou seja, tudo que norteia as obras do ser humano, já que é ele próprio que as cria e as relaciona com o mundo a sua volta.

Japiassu e Marcondes, citados por Oliveira (1996), analisando o termo sob um enfoque filosófico, dizem que o imaginário “é o conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, através dos quais um indivíduo ou grupo de indivíduos vê a realidade e a si mesmo” (p.25).

O ato de imaginar é próprio da subjetividade e refere-se a algo imaginado por ela. Mas este algo precisa ser exteriorizado, mostrado, senão só será conhecido por um sujeito.

Postic (1993), referindo-se ao imaginário, diz que o ser humano tem a liberdade de imaginar e criar o mundo a sua volta como quiser e complementa afirmando que “na

vida cotidiana, imaginar é uma atividade paralela à ação que exercemos, ligada à realidade. A imaginação é um processo. O imaginário é seu produto”(p.45).

O autor entende que imaginar é seguir uma via paralela àquela determinada ideologicamente. Vê o imaginário numa perspectiva individualizante, pois acredita que as suas significações acontecem apenas como uma reconstrução em função de significados que os seres humanos dão aos acontecimentos. Suas idéias diferenciam-se das utilizadas nesse referencial porque, para Postic, o imaginário é constituído de esperanças ocultas, como algo que não existe, como se o imaginário fosse um ato mágico. Já para Castoriadis, o imaginário é tudo o que norteia as obras dos seres humanos, são as significações dadas a alguma coisa conforme o coletivo em que vivem os seres humanos e que são determinados ideologicamente.

Castoriadis (1987), ainda, refere-se a denominação imaginária como todas as significações dadas a alguma “coisa” “[...] porque elas não correspondem *a* – e não se esgotam *em* – referência a elementos “racionais” ou “reais”, e porque são introduzidas por uma criação” (p.231). E também as denomina sociais “[...] porque elas somente existem enquanto são instituídas e compartilhadas por um coletivo impessoal e anônimo” (p.231).

Uma perspectiva dos simbolismos juvenis

As significações dadas a alguma coisa são determinadas ideologicamente. Um dos traços fundamentais da ideologia está na transformação das idéias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais intenções façam parte da função imaginária, estabelecendo a relação existente entre real e imaginário, conforme diferentes pontos de vista.

As relações entre o real/imaginário/pontos de vista são estabelecidas em instâncias sociais análogas, como é possível demonstrar nas opiniões das atrizes. Ainda utilizando as reportagens da Revista Veja como possibilidade de análise das opiniões relacionadas ao imaginário social, verificou-se que esta tríade está presente nas situações diárias das atrizes.

O assunto de outra reportagem apresentada ao grupo era sobre o uso de “calças de cintura baixa”. Intitulada como “Patrulha do Umbigo” (Revista Veja, 1714, n.23, 22/08/2001), reporta-se sobre os modelos de calças jeans confeccionadas com cintura baixa. (Anexo 2). Cintura baixa significa, como o própria reportagem diz, a colocação do cós da calça três a quatro dedos abaixo do umbigo, deixando-o a mostra no momento de usar a calça. Nos Estados Unidos eclodiu grande polêmica em relação aos novos modelitos, havendo proibição do uso da calça por parte da família. Já no Brasil, as calças estão sendo aprovadas e usadas em larga escala por todas as pessoas, inclusive pelas jovens. Mas apesar de ser amplamente difundida pelo mundo da moda, ainda existem algumas opiniões contrárias a este modismo, conforme se pode perceber no desabafo de *Rosana*:

“É uma moda muito legal essa de usar “piercing” e calça de cintura baixa, se meu “pai”(as aspas são dela) deixasse eu colocaria e usaria as calças, mas... ele disse que não gosta, então não coloco”.

As relações real/imaginário/pontos de vista estão presentes neste momento nas expressões de proibição do pai, conforme citado. São elementos introduzidos na opinião dos grupos que sendo reais ou imaginários desenvolveram um determinado processo criativo, incitando a formação de pontos de vista (do pai, neste caso) e compartilhadas com o coletivo impessoal e anônimo, qualificados pelas influências que o meio social exerce nas opiniões de seus integrantes. Impedindo o uso de calças de cintura baixa e de

“piercings”, os adultos, de um modo geral, pensam estar manipulando a opinião dos jovens.

O uso de brincos, anéis, tatuagens “piercings”, calças rasgadas e com aspecto de velhas é uma forma das jovens mostrarem os símbolos que elas utilizam para expressar seu imaginário.

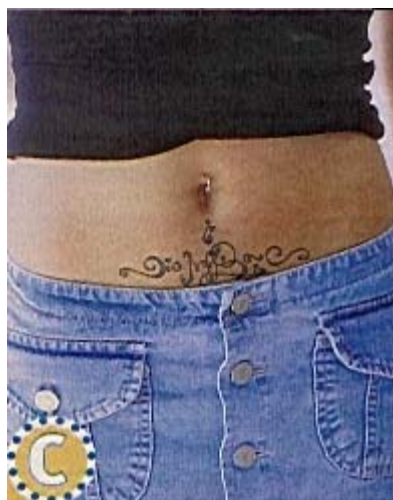


FIGURA 6- JOVEM COM CALÇA BAIXA E PIERCING

Na relação existente entre o imaginário e os grupos sociais, identifica-se, neste último, vários símbolos que representam a forma com a qual cada sociedade manifesta seu imaginário.

Cada sociedade, então, cria-se e representa-se por símbolos próprios, pois, conforme Teves (1992), por ser “constituída socialmente, a partir de uma estrutura de sentidos, a sociedade se dá a conhecer sob formas discursivas, falas múltiplas: escrita gestual, imagética, enfim, modos simbólicos de dizer o mundo” (p.14).

Ao interpretar uma situação antes de compreendê-la, tentar aceitá-la e/ou recusá-la, seria importante situá-la nas condições históricas e institucionais em que ela fora concebida e inventada. Verifica-se assim, uma relação de interdependência entre o imaginário e o simbólico. Os símbolos não existem de forma isolada, enquanto

representações de significações independentes, mas através de uma rede simbólica, ou seja, uma rede de significações interligadas entre si.

Castoriadis (1982), referindo-se ao simbólico diz que “tudo o que se apresenta, no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico”(p.142).

Esta rede de significações pode estar representada socialmente por duas formas: uma delas fará com que as pessoas voltem às suas fontes, utilizando as significações imaginárias. A outra fonte poderá fazer com que as pessoas evadam-se das significações imaginárias, buscando uma amarração com as coisas do universo.

O retorno às origens pode ser exemplificado através dos sistemas de significações que instituem as marcas sociais como nome, sobrenome, cores e tipos de roupas conforme o sexo, entre outros, os quais nomeiam, definem e posicionam os seres humanos socialmente.

Todo sistema de significação também tem como base para seu desenvolvimento a cultura. Segundo Souza (2000), “a concepção de sujeito como ficção ou fabricado na cultura possibilita outros estudos e entendimentos da cultura e suas relações na produção dos sentidos e dos sujeitos”(p.99).

A referência feita à compreensão de cultura pode ser estabelecida tanto como forma de vida quanto às práticas culturais. As maneiras de vida são compreendidas como fontes de idéias, atitudes, práticas corporais, linguagens e outras práticas culturais como formas, textos, arquiteturas, mercadorias produzidas em massa e assim por diante.

Outro modo que permite o entendimento da cultura no contexto do imaginário é estabelecida através dos conhecimentos adquiridos no ambiente escolar e aqueles adquiridos pelas experiências de vida e proporcionados pela produção e intercâmbio de

significados. A cultura, neste contexto, é melhor entendida se tratada como produtora de significados com os quais um grupo se identifica ou se identificará.

As significações das constituições simbólicas podem ser entendidas como representações que circulam na cultura que constituem e instituem o como ver a si mesmo e ao mundo.

Conforme Postic (1993), as construções simbólicas estão representadas nas manifestações imaginárias da cultura, pois “uma história escrita, filmada, um livro, uma história em quadrinhos, uma novela de televisão, permitem-nos uma identificação com heróis, não apenas porque encarnam valores, mas porque suscitam admirações e sonhos com aventuras” (p.15).

As admirações e os sonhos podem ser representados como práticas culturais produtoras de significados através dos signos, modelos, desenhos, sons, imagens criados a partir dos meios de comunicação e que darão sentido aos pensamentos, sentimentos, conceitos, entre outros.

Os sujeitos, parafraseando Souza (2000), podem ser percebidos como representações de grupos sociais que são fabricadas nas variadas experiências entre vida e ficção. Entende-se, então, que o campo das práticas culturais exerce função coercitiva, nos quais as tramas estabelecidas nos textos circulam relações de poder em torno dos significados, dos simbolismos e do imaginário social.

O pensamento de Silva (1992), complementa a idéia do autor acima dizendo que “vivemos o excesso de imagens, tecnologias e informações que têm grande poder de decomposição sobre os altos valores já conquistados pela humanidade” (p.144)

As representações e atitudes fazem parte do imaginário de cada pessoa, o qual é estabelecido em função da ordem social na qual ela está inserida. Para Castoriadis

(1982), “existe uma utilização imediata do simbólico, onde o sujeito pode se deixar dominar por este, mas existe também uma utilização lúcida ou refletida” (p.153).

Em uma das oficinas realizadas foi solicitado ao grupo que levassem as revistas que gostam de ler, com o objetivo de verificar a interação que existe entre os símbolos e o imaginário social. Para as jovens, de um modo geral, a mídia, representada neste caso, pelas revistas, é considerada como um símbolo onde elas podem identificar-se e, usá-las como modelos de comportamentos.

Segundo Silva (1992), o “indivíduo encontra-se perdido em um turbilhão audiovisual, e tem sua vida diluída em apelos imagéticos e sensoriais num fluxo alucinado” (p.144) e isso parece acontecer com os e as jovens, através das leituras que fazem.

A maioria das atrizes da pesquisa gosta de ler as revistas “Capricho” (Editora Abril), “Atrevida” (Símbolo Editora) e “Toda Teen” (Editora Alto Astral). Pois estas revistas, em suas reportagens, tratam de assuntos destinados ao público feminino. São revistas de sofisticada publicação, bem encadernadas, coloridas, impressas em papel brilhante, enfim, fotos com apuro estético. As três apresentam sessões de moda, beleza, “gatos” (este termo faz referência tanto para atores famosos quanto para os jovens em geral), gente, amor, testes, horóscopo, sexo, comportamentos, para jovens de classe média, conforme exemplificado no anexo 3 através do índice de uma das revistas.

Conforme, Fischer (1993), em pesquisa realizada sobre a Revista Capricho, esta mídia contém,

“[...] regras de agir que registram os detalhes mais íntimos da sexualidade feminina e masculina, e do amor, entre os mais jovens; e, sobretudo, trazem a confissão pública dos medos, dos erros e das inseguranças, devolvidas ao “réu” ou “paciente”, na voz e na sintaxe dos especialistas das “tecnologias do eu”, ora psicólogos, ginecologistas, e doutores da medicina esportiva; ora deuses da mídia, modelos das passarelas, do “show business” e da “televisão” (p.3)

As Revistas “Atrevida” e “Toda Teen” também possuem as mesmas características quanto ao referencial analisado na Revista Capricho. Seus textos contêm idéias que direcionam suas leitoras ao culto de um certo modelo de corpo que pode ser considerado corpo-objeto, corpo-endeusado, corpo-útil, corpo-dócil.

“Eu gosto de ler Atrevida porque eu acho que é uma revista que está bem na nossa idade e tudo o que interessa para nós está na revista, todas as matérias são interessantes” (Rita)

Conforme o depoimento de uma das atrizes, observa-se que este meio de comunicação pode ser considerado um símbolo para o grupo de jovens pesquisadas porque lhe utilizam como modelo para se vestir, pensar, agir e, até mesmo, sentir. As revistas atuam como formadoras de opiniões e também de representações, refletindo-se na corporalidade de quem as lê, conforme pode-se verificar nesta fala:

“Eu gosto de ler a Toda Teen, gosto dela porque dá bastante dicas como sites da Internet, livros, cinema, moda, garotos do momento, de conquista, sexo, horóscopo e sobre corpo também; o que não gosto são as particularidades da vida dos atores, acho meio supérfluo; e a primeira coisa que faço quando pego a revista é ler o horóscopo e fazer os testes”. (Rosa)

Não foi somente a Rosa quem declarou o interesse em ler primeiro o horóscopo e fazer os testes, assim que pegam a revista, várias outras atrizes também se manifestaram quanto a esta intenção. Este é um nítido exemplo do apego às coisas imaginárias, que constitui uma das categorias de análise do imaginário social e suas relações com os símbolos sociais.

Os testes, tão interessantes para as jovens, são elaborados sobre comportamentos, paqueras, namoros e atitudes a serem tomadas frente às mais diferentes situações, representando a construção de opiniões que uma mídia é capaz de

formar, principalmente na faixa etária no qual se encontra o grupo de jovens pesquisadas. Os meios de comunicação, neste contexto, são grandes máquinas de sedução quanto a “[...] questões que dizem respeito a todos nós, educadores, cientistas políticos, homens do governo, enfim à sociedade como um todo” (Teves, 1992, p.21), exercendo poder de sedução na própria sociedade e transmitindo a ela as ideologias dominantes.

Em recente estudo realizado por Dantas (2002) sobre a Revista Boa Forma, foram pontuadas importantes referências relacionadas à influência que esta mídia exerce sobre a sociedade de um modo geral. Considerada pelo autor como “poderosa formadora de opiniões, além de divulgar novas tecnologias, a mídia, através de seu discurso, veicula modelos de corpos ideais” (p.48). O poder magnetizante que as revistas exercem induz as jovens a tentar copiar os modelos corporais considerados ideais. Qualquer meio de comunicação torna-se uma das maneiras mais fáceis de se chegar às pessoas, instituindo e modificando o imaginário social.

Como demonstra *Renata*, fazendo referência a reportagem “Patrulha do umbigo” (Op.cit.), analisada anteriormente e que pode exemplificar o poder de sedução e dominação dos meios de comunicação:

"Tudo que nós adolescentes assistimos na TV, a respeito de nossos ídolos de uma forma ou de outra acabam influenciando em nosso modo de falar, vestir e se comportar. Mesmo que para alguns mais e para outros menos". (Renata)

A difusão/reprodução de “verdades” estabelecidas pelas revistas permite a compreensão de que elas se tornam um símbolo para as jovens. Sua “natural” curiosidade e inquietação as tornam excelentes receptoras e reprodutoras daquilo que encontram nas revistas, permitindo a disseminação e a fertilização de muitas crenças que diariamente se inscrevem na construção de suas corporalidades.

Além disso, em seus discursos e imagens, as revistas difundem idéias que instigam a produção de corpos dóceis, submissos e exercitados. Corpos que se tornem cada vez mais capazes de serem aprisionados, pois, para Foucault (2000), as disciplinas são justamente “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade” (p.126).

A imagem transmitida pelas revistas altera as corporeidades através da rotação de símbolos que reduzem a imagem de corpo a símbolo de si mesmo. Muitas delas não são reais impedindo, assim, a visualização de corpos construídos como sujeitos históricos.

A ideologia vista como uma ordem social e um falseamento da realidade, juntamente com a cultura, inventam o corpo adequado, “[...] o corpo moderno com características de plasticidade, moldeabilidade, elasticidade e maleabilidade que preencha as funções do corpo educável, microcosmo dessacralizado e sem mistério, força de trabalho ajustada e ajustável, etc...(Assmann, 1994, p.73).

Representações corporais e os ambientes sociais

Toda ordem social se estabelece em função dos símbolos, de suas significações e de suas relações de interdependência. Entende-se que as representações sociais fazem parte do simbolismo social, proporcionando a compreensão de várias significações instituídas socialmente. Qualquer situação imaginária poderá ser vista, conforme Queiroz (1993) “[...] num momento específico de tempo, numa localização particular do espaço, ou então em sucessões de períodos de temporalidade, ou ainda na comparação entre o que ocorre em diversas regiões” (p.13).

É possível, a esta altura da análise, uma aproximação entre a obra de Castoriadis e Goffman, pois ambos referem-se às significações sociais como integrantes dos simbolismos. Os jovens fazem esta relação quando assumem seus papéis dentro da instituição escolar e ao mesmo tempo incorporam as significações que a sociedade lhes proporciona. Castoriadis (1987), explica que “[...] os *sujeitos*, os *indivíduos* e seus *grupos* são eles mesmos os produtos de um processo de socialização, sua existência pressupõe a existência de uma sociedade instituída” (p.231).

As jovens no ambiente escolar são consideradas as atrizes principais na rede imaginária, simbólica e representativa. Neste sentido, Ansart citado por Teves (1992) afirma que “todo grupo objetiva seu imaginário social. É mediante esse imaginário que o grupo se identifica, estabelece suas trocas, distribui seus papéis sociais” (p.25). No primeiro encontro estabelecido com o grupo pesquisado observou-se que as atrizes apresentavam algumas características as quais são inerentes ao ambiente no qual elas estão inseridas, neste caso, o ambiente escolar. Elas estavam em uma aula de Educação Física e apenas seis delas usavam roupa apropriada para esta aula, enquanto que as demais trajavam calças jeans, apesar de estarem de tênis. Entende-se como roupa apropriada para as aulas de Educação Física, o uso de tênis confortável, calça ou bermuda em tecido flexível e camiseta. Esta cultura do “não uso” de vestimentas adequadas às aulas de Educação Física faz parte do cotidiano escolar do Olavo, denotando, assim, a incorporação de mais um dos simbolismos instituídos pela escola.

“Para o colégio temos que vir de jeans, tênis e uma blusinha. Não existe outra forma de se arrumar para vir para a aula, senão fica parecendo muito “perua” (Rita).



FIGURA 7- O “UNIFORME” ESTUDANTIL

A referência ao termo “perua” diz respeito a pessoas que usam roupas extravagantes e/ou “modelitos” que não estão condizentes com a moda ditada pela mídia. Neste encontro foi possível observar outras características no modo – parecido - de vestir das atrizes. Como estava calor, usavam blusa do modelo “baby look” e os tênis, em sua maioria, era da marca “All Star” ou sandália “Melissa”, todas tem cabelos longos e usam muitas bijuterias, algumas bastante chamativas, outras mais discretas. Um detalhe importante é com relação às bijuterias que, em sua maioria, são réplicas das usadas pela personagem “Jade” da novela O Clone exibida pela Rede Globo, 2002. Foram, então, percebidos alguns simbolismos que as identificam como jovens, estudantes do Colégio Olavo e freqüentadoras da primeira fase do Ensino Médio, com idade entre quatorze e dezesseis anos, marcadas por dimensões sociais e históricas atribuídas pela convivência em grupos.

Ponto importante de ser destacado com relação as acentuações sociais e históricas é a forma como as jovens atrizes portam-se frente aos demais alunos da escola e também como portam-se na própria aula de Educação Física. No dia do primeiro encontro estabelecido com o grupo, os meninos da turma estavam jogando futebol. Algumas jovens estavam rebatendo uma bola de voleibol em “rodinhas”, enquanto as outras estavam sentadas conversando. Estas atitudes são características do grupo, Colégio Olavo, pois em alguns casos as aulas de Educação Física resumem-se a apenas “rebater bolas” e/ou passear pelo pátio do colégio, não existindo uma metodologia nem mesmo um plano de trabalho com conteúdos elencados para serem ministrados durante o ano letivo. Este tipo de atitude faz com que o tipo de aulas citado torne-se rotina e, pouco a pouco, assimilado pelo(s) grupo(s) de jovens que estudam no Colégio Olavo, pois concluem que as aulas de Educação Física devem ser ministradas de forma “livre”, onde cada aluno pega o material referente a atividade que está com vontade de “praticar”.

Os jovens, assim como todos os outros seres humanos constituídos em sociedade, trazem consigo as dimensões sociais e históricas que lhes são atribuídas através da convivência em grupos e as observações relatadas acima exemplificam as dimensões espaciais e temporais do grupo pesquisado. Segundo Pich (1999) “a sociedade só pode ser compreendida enquanto social-histórica, isto é, situada num tempo e num espaço que é conseqüência da elaboração ou re-significação da história anterior e fonte do devir. Sem história não há criação” (p.14).

Uma sociedade elabora-se, então, através de fatos marcados historicamente que são constantemente recriados, formando assim uma rede de significações tecidas pelos sujeitos. As significações sociais existem através de representações autônomas, do reconhecimento da sociedade como criadora de si mesma e também das representações

heterônomas do poder superior que a determina (como, por exemplo, a lei divina), além da ideologia da classe que se tornou hegemônica nesta sociedade. Sendo assim, o simbólico e o imaginário estão em constante mudança, pois cada sociedade institui o processo de elaboração das informações pertinentes e não pertinentes determinando as informações significativas, necessárias e suficientes que a organizarão, ainda que boa parte desse processo não aconteça de forma consciente.

A constituição da sociedade dá-se, também, por influência da relação ser humano-natureza estando impressa no cotidiano simbólico que toda sociedade cria para si, inclusive através das interações e representações corporais, considerando que o corpo humano é social por ser permeado de sentidos que o criam como corpo social.

As representações corporais exercem papel preponderante no ambiente escolar. Elas podem, de certa forma, determinar atos e atitudes dos jovens conforme o ambiente escolar no qual estão inseridos e o grupo ou subgrupo aos quais fazem parte.

As representações corporais são permeadas de expressões que podem ultrapassar a linguagem, apesar de ambas fundamentarem-se reciprocamente. As expressões e a linguagem estão presentes nos gestos, nos movimentos corporais e, conforme o ambiente, o aspecto expressivo do corpo poderá dar origem a uma variedade de comportamentos perceptíveis nas interações sociais.

Nas atitudes cotidianas realizadas no ambiente escolar, as expressões e as linguagens podem manifestar-se em diferentes graus, conforme a temporalidade e a espacialidade.

No Colégio Olavo existem muitas possibilidades de representações diferenciadas, conforme o tempo e o espaço ocupado pelos jovens. Seu espaço é muito grande e em cada um de seus ambientes, antes da entrada para a aula e durante o recreio, estão repletos de grupos de alunos exercendo as mais variadas representações.

No diário de campo foram registradas observações realizadas durante os períodos em que os alunos estavam fora de suas salas de aula. O olhar, no primeiro momento, foi dirigido para as jovens atrizes e os ambientes que frequentam, posteriormente dirigiu-se o olhar para os demais alunos como forma de facilitar a compreensão das representações corporais realizadas por eles no ambiente escolar.

No primeiro capítulo, na descrição do cenário principal descreveu-se as instalações deste cenário. Observou-se que um subgrupo da turma de jovens pesquisado, tanto na entrada para a aula quanto no recreio fica nas mesinhas localizadas na entrada do Olavo. As integrantes destes grupos são, em sua maioria, alunas novas no Colégio e rotuladas como integrantes de uma classe social considerada baixa.

“Não conheço todos os guris do colégio, porque fico só nas mesinhas na hora do recreio. Lá só fica um determinado grupo de alunos, penso que são os mais compenetrados e que não se misturam com aqueles que ficam perto do bar, os skatistas. O pessoal que fica próximo ao bar é mais do estilo skate, usam mais roupas de marca, são de outra classe social” (Rebeca).



FIGURA 8- MESINHAS NA ENTRADA DO COLÉGIO OLAVO

Outro subgrupo concentra-se nas proximidades do bar. Apresentam características muito parecidas entre si e afirmam, através de suas representações corporais, o que Goffmann (1975) chama de “distintivos da função ou da categoria” que são determinados pelo modo como se vestem, pelas características sexuais, pela idade, pelos padrões de linguagem, pelos locais que frequentam a noite e também pelos gestos e impressões repassadas através das atitudes corporais. Grosso modo, alguns alunos rotulam o grupo de “mauricinhos e patricinhas” do Colégio.

“O local onde ficamos é o mais legal do colégio. É um pouco apertado porque é passagem para o bar, mas é lá que ficam os guris mais legais, fofinhos e queridos, sem contar o jeito que eles tem para se vestir, que é bem legal também” (Rosana).



FIGURA 9- AMBIENTE DO BAR

A delimitação de fronteiras no ambiente escolar exerce importantes efeitos simbólicos sociais e materiais. Conforme Louro (2000), “é importante demarcar o lugar do outro simbolicamente, indicando o que significa estar lá, social e materialmente, excluindo e separando o sujeito que o ocupa” (p.70)

Os jovens, de uma maneira geral, no ambiente escolar fazem parte de diferentes tribos que procuram se apresentar de formas distintas dos demais. A multiplicidade de modos de ser e de aparecer, de cada grupo frente aos diferentes cenários agrega aos jovens marcas corporais que funcionam como códigos identitários que os classificam como participantes de uma determinada tribo.

Nos mais variados cenários que compõem o ambiente escolar, membros de uma determinado grupo devem compartilhar os mesmos códigos, falar a mesma linguagem e até mesmo buscar a mesma aparência, podendo, para cada cenário, possuir particulares maneiras de representações.

Para se estudar as representações das pessoas em determinadas situações sociais é necessário compreender, de acordo com este referencial de estudo, que estas pessoas estão constantemente representando. É através da expressão de diferentes papéis que se pode conhecer aos outros e a si mesma, pois ao apresentar-se diante dos outros seu desempenho tenderá a incorporar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade, ao mesmo tempo em que os estará influenciando.

Conforme Teves (1992), “o conhecimento da esfera simbólica da sociedade, constituída de seres ideais, exige do pensamento caminhos sinuosos, imprecisos, porém necessários para figurar determinadas idéias sem as quais não se pode falar em realidade social” (p.29). A esfera simbólica a qual Teves refere-se, pode ser observada nas mais variadas formas de se vestir que são incorporadas como valores reconhecidos por determinada sociedade. No caso deste estudo, numa visão macro de sociedade, fora do ambiente escolar, as jovens atrizes compararam a forma que as revistas mostram a moda a qual não condiz com a realidade em que vivem.

“Moramos em uma cidade do interior onde as pessoas são muito preconceituosas. Não é com qualquer roupa que podemos sair. Eu gostaria de ser mais

ousada em minhas vestes diárias, mas não tenho coragem porque todas as pessoas na rua ficariam olhando e me chamariam de louca ou de brega”. (Rosa)

Para essas atrizes, a percepção social de onde vivem é preconceituosa e interfere na sua individualidade, fazendo com que não possam usar aquilo que gostam por uma determinada “imposição social” e levando-as a incorporarem diversos valores reconhecidos socialmente como sendo os ideais.

Para entender melhor o significado das representações Goffman (1975), define representação como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (p.29). O ambiente escolar possui vários observadores, figurados pelos jovens que o freqüentam e que formam cada subgrupo nele inserido. Por possuírem características peculiares, os subgrupos podem exercer influências sobre as pessoas que os integram. Pelo fato de permanecerem algumas horas de seu dia no ambiente escolar, os jovens poderão adotar estilos de representações influenciadas conforme as estabelecidas por este ambiente.

No caso deste referencial de análise é importante dar ênfase às representações corporais, que poderão ser formadas em função de uma impressão centrada em apenas um foco visual tanto das atrizes como dos grupos que a cercam.

Quando estão na presença dos outros, as jovens atrizes poderão incluir em suas representações corporais sinais que podem acentuar mais ainda os seus modos de expressarem-se, sinais que poderiam ficar ocultos se permanecessem despercebidos ou obscuros.

“Gosto do meu rosto porque as pessoas o admiram por causa dos traços de índia que possuo” (Regina).



Figura 10- DESENHO DO ROSTO

Os focos imagéticos estabelecidos pelo imaginário social aparecem nas representações das jovens atrizes positiva ou negativamente. A forma positiva demonstra o gosto por suas características corporais e a forma negativa demonstra o quanto não estão satisfeitas com suas formas corporais. O imaginário de cada pessoa permite-lhe manter representações corporais vinculadas a realidade e a individualidade de cada uma, deixando externar marcas corporais mais vinculadas à sua subjetividade.

“Não gosto do meu corpo todo, penso que cada parte tem um defeito; acho que ninguém olha para mim”. (Raissa).

Muitas vezes a não aceitação das formas corporais pode estar ligada a forma como a grupo enxerga determinada pessoa. Para fugir desta situação ela, então, utiliza-se de ganchos que na maioria das vezes estão presos diretamente ao seu corpo.

Para verificar como as jovens atrizes representam-se corporalmente, se é de maneira positiva ou negativa, utilizou-se de mais uma técnica durante uma das oficinas. Cada jovem atriz recebeu uma folha e um lápis de cor. Como primeira ação, elas tiveram que fazer um risco contínuo e grande no papel. A partir dele, desenhar alguma

parte do corpo que gostam ou que não gostam desde que as caracterizasse socialmente.

Após a conclusão do desenho explicaram o que expressaram:

“Desenhei minha orelha porque gosto dos dois brincos que uso, um deles na parte inferior e o outro na parte superior” (Raquel)



FIGURA 11- DESENHO DA ORELHA

“Desenhei meu corpo todo e ainda usando vestido porque me odeio de vestido, nunca vou usar, penso que todo mundo percebe e ficam me achando horrível, por isso desenhei a vassoura, me sinto uma bruxinha” (Rosa).



FIGURA 12- DESENHO DA BRUXINHA

Para Castoriadis (1987),

o indivíduo não é só um primeiro encadeamento de representações – ou melhor, uma primeira “representação total” -, é também e principalmente, desse ponto de vista, aparecimento ininterrupto de representações e modo único desse fluxo representativo, forma particular de representar, de existir na e pela representação, de se fixar em tal representação ou tal termo de uma representação, de passar de uma a outra, de tal tipo de termo representativo a tal outro e assim por diante (p.49).

No caso do grupo pesquisado e com relação a sua faixa etária, foi perceptível a preocupação extrema com a aparência física, negando algumas formas corporais que possuem.

Em busca de mais um foco de análise que propiciasse o entendimento das formas particulares de representações corporais, foi proposto ao grupo de atrizes a realização da dinâmica de grupo que utiliza um barbante. Nesta técnica, o grupo deve ficar em círculo e as atrizes deverão passar aleatoriamente um barbante entre si. A primeira pessoa a falar segurará a ponta e responderá a pergunta solicitada jogando o barbante para qualquer uma das demais logo em seguida. A questão a ser respondida era sobre como gostariam de ser fisicamente.

“Eu gosto como sou, só que eu gostaria de ser mais alta e mais magra, porque me acho baixinha e gordinha” (Rúbia)

Não só através desta fala, mas a maior parte do grupo gostaria de ser mais alta, magra, com seios e glúteos maiores. Ser alta e magra, com seios e glúteos grandes são as exigências das agências de modelo atualmente, disseminando estes padrões por toda a sociedade.

“Eu gostaria de ser assim tipo Mariana Gimenez, eu admiro muito o corpo dela, acho muito lindo, eu queria ser como ela representada por seu corpo”. (Rogéria)

As opiniões encontradas deixaram claro a passagem de um modo representativo para outro, pois conforme a mídia estabelece determinados padrões as jovens atrizes

tentam copiá-los. Pode-se estabelecer neste momento um encontro com as atitudes cotidianas das atrizes pesquisadas e estudadas por Goffman e a teoria de Castoriadis conforme visto acima.

As imagens, veiculadas pelos meios de comunicação de massa, desta forma, adquirem um sentido que determinará as significações imaginárias como símbolos e que tendem a indicar sua influência no sistema regulador estabelecido nos ambientes escolares. Estes símbolos necessitam de uma reflexão crítica que poderá levar a compreensão dos significados das representações corporais das jovens no ambiente escolar, motivadas conforme a ideologia do ambiente social, constituídas pelo imaginário social, do qual os meios de comunicação de massa são seu grande porta-voz.

A escola, neste contexto caracteriza-se como uma realidade social/concreta que possui não somente um cotidiano em termos de limites espaciais mas também seus limites temporais. Este cenário proporciona aos seus atores e a suas atrizes a utilização de suas representações e também, nas formas particulares de existir, de se fixar e de passar de uma representação a outra conforme o ambiente escolar que estiverem presentes.

Através das representações corporais desenvolvidas no ambiente escolar, não importando o local em que elas estejam acontecendo, afasta a visão do imaginário social como sendo algo impossível, aquilo que só existe na imaginação, ilusório. Mas aproxima a idéia de que ele representa um indivíduo ou um grupo de indivíduos através das relações estabelecidas com o meio social.

Este capítulo permitiu a reflexão acerca do imaginário social e seus simbolismos. O viés estabelecido entre os diferentes símbolos instituídos socialmente favoreceu a compreensão da influência que a mídia exerce nas representações corporais dentro de um ambiente escolar. Ao imaginário necessita-se incorporar outras categorias

de análise como o cenário, a fachada pessoal, os grupos, os estigmas relacionando-os a corporalidade e as representações corporais das jovens pesquisadas.

CAPÍTULO III

AS CULTURAS JUVENIS E AS SUBJETIVIDADES: compreendendo as representações corporais em interações sociais.

As interações sociais dentro de um ambiente escolar não aparecem de forma isolada, mas constituem-se, significativamente, nas representações corporais, aparecendo mediadas por uma série de fatores que vão sendo reorganizados e incorporados por cada uma das jovens atrizes.

Nesta pesquisa, priorizou-se alguns desses fatores construindo-os na forma de categorias de análise, quais sejam: o cenário onde se passam as ações no ambiente escolar, a fachada pessoal estabelecida por cada jovem atriz individualmente, os grupos os quais pertencem ao ambiente escolar, os estigmas desenvolvidos neste ambiente; todos esses fatores pensados em associação com a corporalidade.

Segundo Sholl (1992), desde a tradição clássica a educação é entendida como a ação coletiva pela qual a sociedade inicia sua geração jovem nos valores e nas técnicas que caracterizam a vida da civilização, no sentido do aperfeiçoamento da condição humana “(p. 97). A escola² tem tradicionalmente como uma de suas funções básicas,

² É importante destacar que não será estabelecido um discurso sobre a escola e sua prática pedagógica, mas a análise refere-se a escola como cenário para observar os jovens e seus comportamentos dentro dela.

segundo este mesmo autor, “[...] ensinar a ler, escrever e contar” (p.97), possuindo, neste contexto, um discurso impregnado de significações ideológicas.

Louro (2000), afirma que “o corpo parece ter ficado fora da escola” (p.60), significando que a maioria dos processos de escolarização preocupam-se constantemente em vigiar, controlar, moldar, construir conhecimentos intelectuais.

É tão presente a ideologia na educação que, mesmo estando no século XXI segundo conclusões de Luckesi, ainda observamos no campo educacional, características da época dos jesuítas de 400 anos atrás: há a aplicação de certas teorias escolares que eram pertinentes àquela época, como por exemplo, a exigência de que os alunos fiquem sentados, ouçam, observem e aprendam sem se mexer e se expressar.

Freire (1993), também aborda a questão do ato de dominação e domesticação escolar, dizendo que é “nas escolas que se aprende o melhor hábito de sentar do que o de refletir sobre as leis matemáticas [...] e não para exercitar nossas inquietações” (p.110). O autor refere-se as leis matemáticas simplesmente como exemplo, porque o silêncio, a falta de reflexão, a falta de ações corporais estão presentes em todo o contexto escolar, características da sociedade burguesa que exclui, elimina e seleciona.

A história conta que na década de trinta, os pedagogos influenciados pelas teorias da chamada *escola nova* defenderam a idéia de que a educação teria uma função democratizadora, ou seja, a escola seria um fator de mobilidade social. A educação brasileira, através da reprodução ideológica, aparece como instrumento de reprodução das relações sociais.

Analisando alguns fatores sociais, percebemos que não é possível existir uma escola única em uma sociedade dividida em classes. Pode-se observar uma escola que é dividida, principalmente levando-se em conta a *posição social que as pessoas ocupam*.

A escola apresenta-se desta forma para quase todos, separando seus integrantes, inclusive nas tradicionais e melhores escolas inglesas.

Além disso, a própria estrutura escolar repete uma hierarquização tal qual existe fora dela, reproduzindo as características de divisão de classes e mantendo os privilégios de uma destas classes sociais.

É importante lembrar que é através da educação que ocorre a apropriação do saber e esta socialização é necessária para o funcionamento da sociedade capitalista. Às classes subalternas é destinado apenas o saber que os aliene e os obrigue a aceitar aos comandos da classe dominante. Desta forma, pode-se afirmar que há uma possibilidade de que quanto mais competente for a formação e o domínio dos conteúdos do saber, mais condições têm o ser humano para entender as transformações sociais, lutando para obter um maior acesso aos bens culturais da humanidade que auxiliarão na sua percepção como um “ser” integrante de um todo social. Considerando-se um ser social, ele deverá situar-se em sua realidade histórica e social, entendendo sua condição. A estrutura escolar, tal como outras instituições sociais repletas de ideologia, são capazes de mascarar estas condições, mas poderiam revelar e desvelar este mascaramento, contribuindo na emancipação dos seres humanos, ainda que possa ocorrer justamente o oposto, ou seja, quanto maior a informação, maior a alienação; independente disso, o acesso aos conhecimentos socialmente construídos e sistematizados é um direito social.

Alguns autores como Bordieu e Passeron, citados por Aranha (1993) consideram que a escola não exerce necessariamente a violência física, mas sim a violência mediante forças simbólicas, ou seja, pela doutrinação que força as pessoas a pensarem e agirem de determinada forma. Esta postura é verificada através das atitudes tomadas dentro do ambiente escolar que caracterizam alguns de seus valores ideológicos, conforme os exemplos a seguir. Cada aluno é estimulado a competir com os outros,

cuidar do material que é só seu, tirar a melhor nota, ser o primeiro da classe, ou seja, cada um para si. Os valores ligados à solidariedade, ao crescimento compartilhado e ao espírito de cooperação são deixados para segundo plano.

Os alunos que fracassam na escola ou não conseguem o mesmo sucesso de outros, são ridicularizados e desprezados como ignorantes e burros, podendo ser desenvolvido neles os sentimentos de inferioridade e submissão. Uma das representações das forças simbólicas da ideologia é o desenvolvimento, no ambiente escolar, do respeito e conservação da ordem social vigente, levando o estudante a respeitar irrefletidamente às normas sociais, deixando de lado o desenvolvimento do senso crítico.

Segundo Medina (1989), “a escola, é em grande escala, aquilo que as forças dominantes da sociedade desejam que ela seja. No sentido oficial, digamos assim, uma de suas funções fundamentais é manter o controle social através da estabilidade e do ajustamento” (p.19).

A forma de pensar de Medina é observada na maior parte dos Projetos Políticos Pedagógicos conhecidos, pois os mesmos possuem em seus escritos a importância da escola para o cidadão. Neles encontramos objetivos como: a escola deverá formar cidadãos críticos, participativos e criativos. Mas, no cotidiano continuam ajudando a formar “corpos dóceis”, ignorando este direito social de todos e a importância de integrar a dimensão corporal neste processo. Para a sociedade capitalista é muito mais útil desenvolver sujeitos obedientes, voltados à produção, com uma educação escolar preocupada com a domesticação dos corpos.

Em uma das oficinas, uma das jovens atrizes manifestou sua opinião com relação a forma como alguns professores do Olavo vêem os jovens:

“Alguns professores não respeitam nossas opiniões, eles acham que sempre temos idéias muito avançadas. Parecem não aceitar nosso jeito de falar, de vestir as roupas rasgadas da moda, de usar bijuterias diferentes e extravagantes como piercings, vários brincos na orelha, pintar os cabelos com tintas coloridas, usar roupas pretas e outras coisas mais. Já não sei mais o que pensar pois ou eles são muito caretas ou querem modernizar seus pensamentos mas não conseguem acompanhar a juventude. Isso me leva a concluir que muitas atitudes que os professores tomam para tentar controlar os alunos é em razão disso”. (Rosa)

As opiniões de alguns professores refletem justamente o que Goffman (1975) chama de “valores oficialmente reconhecidos pela sociedade” (p.41) ressaltando o quanto às ideologias exercem influência sobre a sociedade, sendo que “um indivíduo pode adotar estilos favoráveis às suas representações diárias” (p.41), conforme afirma o autor citado, em referência a ideologia presente na sociedade a qual estão inseridos.

Os jovens em ambiente escolar, principalmente no Olavo que é considerada uma “escola jovem” percebem que são manipulados, controlados, vigiados e moldados, efetivando o pensamento de Pais (1993), para quem a juventude é vista como uma “[...] categoria socialmente manipulada e manipulável” (p.22).

A escola ainda parece ser vista como um aparelho que dociliza os corpos, colocando-os a mercê do que Foucault (2000) chama de “princípio de clausura”. Este princípio aparece em vários segmentos da sociedade, indicando a concepção de que “[...] cada indivíduo deve estar em seu lugar; e em cada lugar um indivíduo” (p.123). A escola é mais um local onde devem estar apenas os indivíduos que mantêm certas características idênticas entre si ocupando um lugar que é somente seu, não podendo manifestar opiniões nem comportamentos diferenciados. Agindo assim, evitaria-se a formação de grupos e de idéias coletivas, tolhendo também as manifestações corporais.

Utilizando-se do princípio da clausura, a escola objetiva, ainda citando Foucault (2000), “[...] conhecer, dominar e utilizar[...]”(p.123) os corpos que nela fazem-se presentes. Entende-se que, os freqüentadores do ambiente escolar, em sua maioria jovens, formam seus próprios grupos dentro deste ambiente, enquanto que os adultos tentam desmobilizá-los das mais diferentes formas. Muitos professores encaram as tribos de jovens no ambiente escolar como uma “*unidade social*”, uma equipe dotada de “*interesses comuns*” que de certa forma são de fácil manipulação (p.22).

Os jovens e suas culturas

A própria atitude dos professores, de um modo geral, também reflete a forma como a sociedade vê o jovem. Para Pais (1993), “[...] a emergência das teorias científicas é sempre de natureza paradoxal. E, como as teorias, também os conceitos são paradoxos, até no sentido em que se multiplicam para cobrirem aparentes unidades da realidade, como afinal acontece, como veremos, com o conceito de juventude” (p.22)

Para muitas pessoas, o termo adolescência é visto como um mito ou quase um mito que possui problemas de inserção social, profissional, problemas de droga, delinqüência, com os pais e com a própria escola, mudando até sua grafia para “aborrescência”.

“Na visão dos adultos, os jovens são considerados imaturos e que vivem sempre de mau humor. Não dão valor às nossas opiniões, dizem que sempre vamos na conversa dos outros. Nós jovens gostaríamos de ser menos desacreditados. Queremos que confiem mais em nós” (Rosa).

Fisher, citada por Fraga (2000), referindo-se a alguns enunciados corriqueiros manifestados por algumas pessoas que dizem o seguinte “esta criança é tão querida...pena que um anjo destes vá se tornar um adolescente”(p.53). Certamente estas

peças fazem parte do rol de peças que vêm os jovens como integrantes de mais uma fase da vida que, segundo elas, é marcada por certa instabilidade associada a alguns problemas sociais. Complementam, ainda o pensamento dizendo que se os próprios jovens não se esforçam para solucionar tais problemas serão apelidados de “irresponsáveis” ou “desinteressados”.

Osório (1992) define adolescência como uma “[...] etapa de transição entre a infância e a idade adulta que coincide com os limites biológicos da puberdade” (p.130). A utilização da puberdade como marco entre duas fases não é a forma mais correta de definir a chamada “adolescência”. O autor generaliza a adolescência como se fosse igual em todas as culturas, desconsiderando que existem grandes diferenças culturais em seu entendimento.

Ainda fazendo referência a outras definições sobre adolescência, Outeiral (1994) diz que “[...] a palavra adolescente tem dupla origem etimológica e caracteriza muito bem as particularidades desta etapa da vida. Ela vem do latim *ad* (a, para) e *olecer* (crescer), significando a condição ou o processo de crescimento, em resumo, é o indivíduo apto a crescer”(p.6). O próprio autor complementa sua explicação esclarecendo que *ad* também deriva de *adolescere*, que se origina da palavra *adoecer*. Assim entende-se que a dupla origem etimológica da palavra está no fato de que a adolescência, conforme este ponto de vista, serve para crescer e adoecer (em termos de sofrimento emocional, as transformações biológicas e mentais que estão presentes nesta fase).

Partindo da idéia do autor acima citada, muitas pessoas associam a adolescência como uma fase que faz a passagem dos jovens para o mundo do trabalho, dos compromissos, deixando de lado o mundo da fantasia e das brincadeiras, justificando, assim a opinião de Rosa, descrita anteriormente. Desta forma, segundo Pais (1993), a

maior parte da sociedade vê que “[...] os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil unitária” (p.22), ou seja, ao chegarem a determinada faixa etária as transformações são tantas que os caracterizam como únicos, estigmatizando-os das mais diferentes formas.

A sociedade, em geral, vê os jovens, adolescentes como são chamados apenas por uma determinada ótica, pois, uma realidade histórica deve ser entendida após todas as interpretações necessárias das tendências dominantes e não apenas por acontecimentos e fatos particulares e separados.

Questiona-se então, será que é desta forma que os jovens se sentem?

As jovens atrizes integrantes do grupo pesquisado não gostam de serem chamadas de adolescentes. Percebem certa discriminação quando o termo adolescente é usado.

“Os jovens geralmente são vistos como inexperientes e que ainda precisam aprender muito com a vida. Os adultos, principalmente nossos pais e mães, gostam de nos impor muitas coisas, não dando espaço para conversas mais francas onde a gente possa mostrar o que já aprendeu.” (Rebeca).

Pais (1993) utiliza o termo “paradoxos da juventude” para tentar compreender os “[...] diferentes sentidos que o termo “juventude” tem tomado e às manifestações e sentido contrário que entre os jovens é possível encontrar nos seus comportamentos cotidianos, nos seus modos de pensar e de agir, nas suas perspectivas em relação ao futuro, nas suas representações e identidades sociais” (p.23). Os paradoxos estão presentes em duas tendências de rotular os jovens. Uma delas toma a juventude como uma fase da vida, fazendo parte de uma geração um tanto quanto conflituosa.

Esta tendência pode ser exemplificada através da opinião de *Rúbia*, ao referir-se a mais uma das reportagens da Revista Veja que estiveram disponíveis para que o grupo

lesse e emitisse sua opinião. A reportagem enfoca um assunto muito polêmico para a atualidade referente ao uso de drogas. Seu título é “Meu pai fuma maconha comigo” (Revista Veja, 14/11/2001), e tem como assunto principal o depoimento de um pai que compartilha o uso de maconha com seus dois filhos. (Anexo 4)

“Muitas pessoas julgam os jovens porque os jovens não fazem nada então procuram a maconha. Pois está aí uma prova que isso não é verdade. Tem muitas pessoas de idade que também usam e outras que não usam, como o exemplo daquele pai”. (Rúbia).

Outra tendência de análise da juventude define-a como um “conjunto social” (Pais, 1993, p.23) com características diversificadas conforme a cultura, a situação social, situação econômica, interesses próprios, entre outras às quais estão inseridos. Esta última refere-se aos jovens como integrantes de uma unidade social sem diferenciar-se das características assumidas pelas crianças e também pelos adultos.

Desta forma verifica-se que não são somente os jovens que possuem seus grupos de “iguais”, os adultos também possuem seus grupos distintos no ambiente de trabalho, na família, no lazer e cada equipe apresenta suas características com suas próprias marcas. O interessante é que os adultos não visualizam estas características de pertencerem a conjuntos distintos assim como os jovens o fazem de maneira bem aparente. “Estas atitudes de negação explicam-se como sendo características de mais um simbolismo e da capacidade imaginária, pois pressupõe a capacidade de ver em uma coisa o que ela não é, de vê-la diferente do que é” (Castoriadis, 1982, p.154).

As jovens atrizes pesquisadas apresentam algumas características que as identificam como um conjunto social, fazendo referência a marca de calçados que usam, o modelo das calças e blusas e até mesmo no comprimento e corte dos cabelos, conforme já enfatizado no capítulo anterior.

Goffman (1975), refere-se a estas atitudes como sendo uma forma de idealização da sociedade com relação aos jovens e mais especificamente ao utilizar o termo adolescente. Ele entende que uma idealização são “os modos pelos quais uma representação é “socializada”, moldada e modificada para se ajustar à compreensão da sociedade em que é apresentada” (p.40).



FIGURA 13- ÁREA NA ENTRADA PRINCIPAL

A juventude, então deve ser entendida como uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo (Pais, 1993, p.29) Pode-se compreender que a juventude apresenta-se ora com características homogêneas quando comparada com outras gerações e ora heterogênea quando vista com atributos próprios diferenciando os jovens uns dos outros.

A juventude sendo vista através de seu cotidiano, transforma-se em uma categoria socialmente construída trazendo consigo várias características da própria cultura juvenil.

Conforme Pais (1993), o termo cultura juvenil é compreendido “como o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude, isto é, valores que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (p.54).

Estes sistemas de valores, as mais variadas culturas juvenis que caracterizam as representações, poderão estar acompanhadas de outros componentes que auxiliarão no seu entendimento, como por exemplo, o conceito de fachada organizado por Goffman.

Os cenários e as fachadas nas representações corporais

Entende-se por fachada toda expressividade empregada pelo indivíduo durante sua representação que é muito bem expressa através das ações corporais que poderão ser padronizadas intencional ou inconscientemente. Ela é constituída pelo desempenho do indivíduo realizado de forma geral e fixa e que auxiliará na definição da situação na qual estará acontecendo a representação.

Uma fachada apresenta-se como a forma que as jovens atrizes se colocam em cada ambiente escolar, por mais especializada e singular que seja, pode apresentar significações diferentes dependendo da situação prática a qual está sendo aplicada.

Exemplifica-se: determinadas situações apresentam ações características que podem ser parecidas ou iguais a outras. Isso faz com que os observadores admirem tal circunstância, tomando por base experiências anteriores ou pensamentos estereotipados. No ambiente escolar e no caso do grupo pesquisado percebe-se que as jovens atrizes executam ações corporais diferenciadas conforme o local da escola ao qual estão presentes.

Estas atitudes confirmam mais uma vez as observações realizadas por Goffman quando ele afirma que

“se o indivíduo assume um papel que não somente é novo para ele mas também não está estabelecido na sociedade ou se tenta modificar o conceito em que o papel é tido, provavelmente descobrirá a existência de várias fachadas bem estabelecidas entre as quais tem de escolher. Deste modo, quando é dada uma nova fachada a uma tarefa, raramente verificamos que a fachada dada é, ela própria nova” (p.34).

À fachada incorpora-se também outro componente que é o cenário, constituindo-se, fachada e cenário, como panos de fundo donde estará se desenrolando a ação.

Os panos de fundo são considerados como suporte que “[...] tende a permanecer na mesma posição” (Goffman, 1975, p.29). Isso é explicado quando aqueles que representam em determinado cenário só o fazem diante dele. O ambiente escolar, para o estudo em questão é considerado o cenário principal onde se desenrolam diversas representações, conforme o pano de fundo.

No grupo das jovens atrizes percebe-se as manifestações de mudança de representação conforme ocorre a mudança do cenário,.

“A mãe não dá opinião quanto a forma como me visto ou me arrumo, mas o pai não gosta que eu use algumas bijuterias como bracelete, brincos compridos, então quando estou com ele não uso, mas quando desço do carro coloco as bijuterias” (Rose).

Neste caso a atriz *Rose* utilizou-se do cenário escola para mudar sua atitude perante uma proibição do pai que não gosta que ela use determinados tipos de bijuterias quando está com ele. Quando ela representa em cenários nos quais o pai esteja presente, age de uma forma, mas quando representa no cenário do Colégio Olavo utiliza outros elementos para sua representação.

Em outro momento do cotidiano do grupo pesquisado percebeu-se a mesma característica de mudança de representação com relação à mudança de cenário. Estas atitudes justificam os parâmetros de análise de Goffman com relação aos panos de

fundo. Ele refere-se ao fato de que para cada pano de fundo há um tipo diferente de representação, conforme o exemplo:

“Quando eu saio a noite eu gosto de usar uma calça justa, uma blusinha justinha e salto alto, principalmente porque sou baixinha daí eu tenho que usar um salto básico; gosto de chegar no lugar com uma roupa que me percebam. Quando eu saio a noite eu gosto de estar bem “estilo”, chamando atenção para algum detalhe em minha roupa, ser diferente; de noite tem que sair diferente porque de dia saio muito largadona; gosto de usar roupas que valorizem meu corpo”. (Rosa)

Rosa manifestou uma representação diferente daquela realizada no ambiente escolar.

A interação existente entre o imaginário social e as representações corporais proporciona o encontro delas com o cenário principal que é a escola. O ambiente escolar se constitui num importante cenário utilizado pelos grupos de indivíduos para realizarem suas encenações, em função do tempo de permanência dos jovens neste tipo de instituição e da importância atribuída ao mesmo em suas vidas.

Para cada fachada o grupo pode representar um papel diferente, neste caso a escola, por ter vários ambientes pode propiciar estas mudanças de representações conforme o local onde os jovens estejam. Neste contexto acredita-se que as escolas, de um modo geral são um espaço de intervenção a partir de sua função social. Mas que função social é essa?

Na visão de Goffman, a escola, pode ser considerada uma instituição social, porque possui em sua fachada social uma significativa característica de informação representada pelo “seu caráter abstrato e sua generalidade” (p.32), pois as representações que se dão dentro do ambiente da escola Olavo só acontecem lá.

A escola é mais uma instituição social a qual os sujeitos podem intervir constantemente, mas não é possível compreender estes estabelecimentos como um sistema simplesmente funcional nem como uma rede simbólica, pois conforme Castoriadis (1982), “as instituições certamente são funcionais na medida em que necessariamente devem assegurar a sobrevivência da sociedade considerada” (p.165). Isso quer dizer que para realizar uma interpretação simbólica das organizações escolares deve-se perguntar, ainda conforme Castoriadis (1982), “[...] porque *este* sistema de símbolos e não um outro; quais são as *significações* veiculadas pelos símbolos, o sistema de significados ao qual remete o sistema de significantes; porque e como as redes simbólicas conseguem autonomizar-se” (p.166). São vários os símbolos que podem ser analisados para tentar compreender a forma como a escola trata os seres humanos. Um deles é compreender como a escola carrega suas significações, já que estas aparecem veiculadas a estruturas significantes e são escolhidas conforme considerações formais ou estruturais, pois compreender os simbolismos é um processo bastante complexo.

Neste contexto percebe-se que a forma como a escola trata o sujeito faz com que ele perca a comunicação empática com sua dimensão corporal, provocando o que Gonçalves (1994) chama de “descorporalização” que para a autora, “é fruto da herança cartesiana que separou corpo e mente, da mídia que exerce forte poder de persuasão na sociedade e do mercado que exige o desenvolvimento de corpos educados conforme seus interesses e necessidades, transformando o corpo em produto descartável.

Quando a criança entra para a escola tende a diminuir sua dinamicidade especialmente porque o processo ensino-aprendizagem tende a ser visto como um ato puramente mental pela escola, criando assim um processo crescente de descorporalização ou um novo tipo de dualismo. Os anos vão passando e a concepção

de podar/cercear o direito de mover-se ampla e livremente, de falar, de tocar, de usar todos os seus sentidos e seu corpo para relacionar-se com os outros e com o meio vai crescendo.

A escola não pode ser vista como possuidora de um ambiente independente dos demais que alicerçam a sociedade. Não é possível supor que a simples presença do aluno na escola seja suficiente para que o processo ensino-aprendizagem ocorra em sua melhor forma. O acesso ao saber, bem como o desenvolvimento dos alunos, dependerá de outros fatores de ordem econômica, política e social. O acesso ao saber historicamente acumulado deveria possibilitar no ambiente escolar, o desenvolvimento de competências como a autonomia, e as competências social e objetiva, como indica Kunz (1994), caminhando no sentido da consideração pela inteireza humana em todas as suas potencialidades.

O processo de reordenamento pelo qual o Colégio Olavo teve que passar influenciou nas representações corporais dos jovens desta unidade escolar. O grupo das jovens atrizes, ao ser indagado sobre o assunto, expressou opiniões contrárias ao processo de reordenamento.

“Gostaria que a escola continuasse como era, porque sinto um certo despreparo em todo o ambiente para receber os jovens”. (Roberta)

O despreparo também está presente na opinião do grupo com relação aos espaços escolares.

“Nós, que somos o objetivo principal desta escola não temos espaços legais para ficarmos, gostamos de sentar e conversar com nossos amigos e aqui quase não tem esses lugares” (Rosana).



FIGURA 14- PÁTIO INTERNO DO COLÉGIO OLAVO

O processo educacional foi outro ponto que foi afetado pelo processo de reordenamento, conforme observação de uma das atrizes:

“Vê só professora, até as aulas de Educação Física poderiam ser diferentes, porque não temos uma sala especial para fazermos aulas de ginástica que para nós é muito mais interessante. Eu pelo menos, não gosto e não jogo nenhum destes esportes fico parada perdendo tempo, podendo estar cuidando do meu corpo melhor”. (Rita)

Há um certo distanciamento da realidade dos jovens no ambiente do Olavo com o processo educacional, inclusive com o despreparo dos professores, como fora citado no início desta análise, onde os próprios alunos sentem-se “criancinhas” perante as falas de alguns professores do colégio.

Outra categoria de análise importante de ser enfocada neste estudo refere-se ao “equipamento expressivo” vinculado a fachada pessoal. A ela são incorporadas algumas

marcas tais como o vestuário, o sexo, a idade, a aparência, padrões de linguagem, gestos e expressões corporais, entre outros.

A fachada pessoal pode ser subdividida em aparência e maneira. A primeira refere-se aos estímulos que informam o estado ritual temporário do indivíduo e podem revelar o status social. Já as maneiras são entendidas como aquelas “que funcionam no momento para nos informar sobre o papel da interação que o autor espera desempenhar na situação que se aproxima” (Goffman,1975,p.31).

Observa-se que a fachada pessoal apresenta-se fortemente representada nas atitudes cotidianas do grupo. Quando indagadas de como gostariam ser, conforme suas aparências, estabeleceu-se novamente uma ponte com a forte influência que a mídia exerce nas opiniões do grupo, intervindo inclusive na própria maneira de serem.

“Não gosto, talvez do meu corpo inteiro, mas eu gostaria de ser um pouco mais magra, ser um pouquinho mais bonita” (Raissa).

A técnica do barbante, descrita anteriormente, permitiu ao grupo verbalizar seus pensamentos relacionados a forma corporal que possuem e aquela que gostariam de ter.

“Eu gostaria de mudar, não gostaria de ser gorda, gostaria de ser mais magra e mais bonita, sem me comparar com alguma outra pessoa” (Rebeca)

Ligada a aparência, conforme observado, está um forte valor relacionado a subjetividade de cada uma delas. Ao se analisar o que é feio e o que é bonito estará se estabelecendo padrões de beleza ou de feiúra que também estarão enraizados nas ideologias dominantes das mais diferentes sociedades que existem.

A aparência também nos permite analisá-la de outro ângulo que faça referência a maneira de se vestir dos atores e atrizes do Olavo. Conforme as anotações realizadas no diário de campo após observações realizadas no grupo das jovens, percebeu-se que todas elas usam roupas de marcas conhecidas e eleitas pelos jovens como sendo as

marcas adequadas a idade deles. Marcas como “All Star”, “Drop Sista”, “Mormai”, “Melissa”, “Zoomp”, “Ellus”, “Billabong”, “Maha”, “Long Island”, são as principais.

“Eu acho que as pessoas, aqui em Concórdia, não usam roupas da moda, mas daquela loja “x”, porque lá tem roupas de marca” (Raquel)

As imagens veiculadas pela mídia as quais as jovens atrizes manuseiam, induzem a vontade de usar roupas parecidas com aquelas mostradas nas revistas, conforme *Rebeca* comenta:

“Eu acho ridículo esse negócio de comprar qualquer roupa e, para andar com a roupa da moda, tipo tem uma calça velha, tira a etiqueta e coloca em uma roupa nova que não é da mesma marca para que vire roupa da moda”.

A forma de olhar, ler e criar imagens também são atos simbólicos que manifestam a cultura de cada grupo, sendo interiorizadas pouco a pouco, por cada pessoa. As culturas a que se faz referência dizem respeito a mudanças de pensar, usar o corpo, a ouvir, a olhar, a experienciar, a classificar e a identificar experiências partindo de um repertório que é compartilhado com o próprio grupo, “enfim, aprendemos a simbolizar e decodificar símbolos estabelecidos” (p.424), conforme Achutti. Para o autor, a forma de interpretar os simbolismos está relacionada com a criação e leitura de imagens. Estas são determinadas conforme a época que se apresentam: “o olhar é aprendido, é treinado de forma articulada com outros olhares. O olhar não é individual, ele é determinado social e conjunturalmente. É em função do tipo de olhar de uma dada época que são determinados os tipos de imagens e de que forma as pessoas se relacionam com elas”, (p.425).

Partindo do princípio que as imagens exercem forte influência nas atitudes das pessoas de um modo geral, fotografias foram utilizadas nas oficinas com o objetivo de

buscar as mais diferentes formas de representações corporais assumidas pelo grupo pesquisado.

Para Helfer (2002), “a fotografia é a vida contada através da imagem. Testemunha de uma época é também signo de sensações verdadeiras e documento da história” (p.121). A história a que se refere à autora também é a história de vida de cada um dos integrantes da sociedade.

As imagens fotográficas podem ser entendidas como um meio de fazer registros sociais, podendo determinar a maneira das pessoas olharem o mundo e a si próprias.

Segundo Achutti, (2001) “o olhar fotográfico é uma das formas do olhar etnográfico; assim como o antropólogo, o fotógrafo busca uma espécie de *revelação* da vida do outro” (p.430) (grifo dela).

Tal como as revistas, que através de suas fotos são capazes de induzir a formação de opiniões nos mais variados meios sociais, tornando-se um simbolismo para aqueles (as) que as manuseiam, as reproduções fotográficas também estabelecem as mesmas relações simbólicas. As representações corporais das jovens, desta forma, tendem a aparecer conforme as imagens vistas nas fotografias.

Foi solicitado ao grupo, em um primeiro momento que selecionassem fotos que deveriam conter suas imagens, classificando-as conforme o seu gosto individual. A oficina, então, desenvolveu-se da seguinte forma, cada uma mostrou a foto que lhe agrada e explicou o motivo da escolha. Posteriormente realizou o mesmo com a foto que não lhe agrada também externando os motivos pelos quais realizou a escolha. Foi difícil selecionar alguns depoimentos para deixar registrado neste estudo, pois todos foram de grande valor para a pesquisa.

“Eu gosto da minha foto quando eu tinha um ano e oito meses porque pareço uma bonequinha, bem fofinha, assim como gosto da foto que tirei com minhas amigas

no baile Azul e Branco. Trouxe, também uma foto quando eu tinha doze anos e não gosto dela porque estou com “orelhas de abano”. (Rosana)

Assim como Rosana, outras atrizes também levaram fotos suas quando ainda eram crianças, justificando das mais diversas formas, conforme apresentado, a preferência por estas fotos.

“Gosto das minhas fotos quando era bebê. Não gosto desta foto da minha primeira comunhão, assim como não gosto das minhas fotos atuais”. (Ricarda)

Quanto as fotos que não gostam, todas levaram reproduções atuais, ou seja de imagens registradas após terem treze anos. Esta atitude mostra o quanto dão importância à aparência, confirmando o que elas próprias anteriormente falaram e representaram através do desenho que não estão muito satisfeitas com a aparência corporal que possuem atualmente, deixando aparente características das culturas juvenis assimiladas por elas.

Freqüentemente, espera-se uma compatibilidade entre aparência e maneira. Esta compatibilidade será expressa através das diferenças entre situações sociais estabelecidas e expressas pela congruência nas indicações dadas em um papel de interação esperado. Pode-se exemplificar através de atitudes tomadas pelas pessoas quando aparecem diante de determinado público e que são completamente diferentes das atitudes que tomam em outros lugares.

Segundo Goffman (1975), “uma determinada fachada social tende a se tornar institucionalizada em termos das expectativas estereotipadas abstratas às quais dá lugar e tende a receber um sentido e uma estabilidade à parte das tarefas específicas que no momento são realizadas em seu nome. A fachada torna-se uma “representação coletiva” e um fato, por direito próprio” (p.34)

Ainda utilizando os registros fotográficos como manifestação da cultura juvenil, cada atriz, usando uma máquina fotográfica registrou imagens de pessoas que acham bonitas e de pessoas que acham feias. As pessoas escolhidas para serem fotografadas foram todas dentro da faixa etária das jovens atrizes pesquisadas e frequentadoras do ambiente escolar, em sua maioria meninos quanto ao critério “bonitos”. Esta atitude mostra-nos o quão importante é este ambiente para elas, pois passam várias horas de seu tempo nesse espaço.

“Os dois meninos que fotografei não possuem uma beleza física, eles tem uma beleza natural, o jeito de eles andarem, de falarem, eles dançam super bem “hip-hop”, eles, nossa, parece que fazem tudo certo; mesmo que eles façam alguma coisa errada ou nojenta não parece porque foi eles que fizeram”. (Rogéria)

As observações realizadas pela jovem atriz mostram que a aparência e maneira são importantes no momento que estabelecem relações com outros componentes do grupo relativo ao ambiente escolar.

“Tirei a fotos destas duas porque elas são muito horríveis. Pensam que são o máximo puxando a barriga para dentro para parecerem magras e na verdade são umas gordas, parecem um “boto”. (Raquel)

Aos conceitos de belo e feio estão vinculadas as aparências das pessoas e também suas maneiras de se vestir e se portar em determinados ambientes.

“No colégio tem muito piá feio, mas este, que estuda de manhã, é muito, muito feio, ele é gordo, nojento, esquisito, baixinho, a cara dele é feia, ele é meio branco, é o cúmulo”. (Rebeca)

O corpo e seus estigmas

Está presente também na análise realizada através das percepções das representações corporais no ambiente escolar alguns estigmas e atitudes estereotipadas instituídas socialmente.

“Tem um outro guri que eu acho bonito, mas ele se veste muito mal, está sempre com a mesma roupa; ele sempre usa um calção, uma camisa laranja, um boné que esconde o rosto dele, ele tem uma mochila toda colorida, horrível”.(Regina)

Freqüentemente encontra-se no grupo de jovens certos estigmas referentes as mais variadas características. É importante lembrar que o termo estigma foi criado e amplamente usado pelos gregos. Sua criação fazia referência a sinais corporais que representam o “status moral” de quem os possuía. Estes sinais corporais não se resumiam apenas a sinais congênitos, mas sinais feitos com ferro, fogo ou cortes que simbolizavam o quão marcado era o indivíduo e significavam que este deveria ser evitado socialmente.

Hoje, o sentido da utilização do termo assemelha-se ao sentido original, porém na maioria das vezes é aplicado à desgraça e não às evidências corporais.

Segundo Goffman (1982) “um estigma é, na realidade, um tipo especial de atributo e estereótipo” (p.13). Muitas vezes tanto os atributos quanto os estereótipos são usados de forma depreciativa. Em muitos casos um atributo que estigmatiza alguém pode ser normal para outro. No caso dos jovens, os atributos são demarcados pela própria sociedade.

“Nós fotografamos este nosso colega porque ele é muito feio, bem esquisito. Ele usa uns óculos “fundo de garrafa” , além do mais ele é grosso, sarna, chato; e tem mais, tem um cheiro muito ruim nas axilas”. (Rogéria e Rose)

Os estigmas, segundo o próprio Goffman (1982), podem ser subdivididos em três tipos nitidamente diferentes e importantes de serem levantados nesta análise. O primeiro diz respeito às abominações do corpo, ou seja, as mais variadas deformidades físicas. Como segundo tipo aparecem as culpas de caráter individualmente definidas, por exemplo, vontade fraca, crenças falsas e rígidas, desonestidade, entre outras. E como terceiro tipo aparecem os estigmas tribais de raça, nação e religião que “[...] podem ser transmitidos de linhagem para linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (Goffman,1982, p.14). Os três tipos de estigma citados possuem características que rotulam quem os possui, pois esta pessoa contendo algum traço que chama a atenção das demais pessoas da sociedade, faz com que ela se afaste e/ou os demais membros da sociedade se afastem dela.



FIGURA 15- TRIBO DE JOVENS

Quando se faz referência a jovens, especialmente a grupos em que os jovens estejam inseridos, sejam eles de que gêneros forem, percebe-se que as manifestações referentes aos estigmas tribais de raça, nação e religião aparecem com frequência.

Alguém que possua um estigma, muitas vezes é discriminado das mais variadas formas. É comum a sociedade utilizar termos como aleijado, retardado, vagabundo como forma de justificar a representação a qual determinada pessoa possui. Para exemplificar, quando se vê um grupo de jovens com roupas pretas, com fotos de bandas nas camisetas, toucas de lã, calças rasgadas, normalmente rotula-se o grupo como “drogados, vagabundos, ladrões, traficantes, etc”.

“As pessoas rotulam muito a gente, se você está com um amigo as pessoas já acham outra coisa; até nós mesmas rotulamos muito os outros; se a gente vê alguém se vestindo diferente a gente acha que a pessoa já é “prostituta” ou “drogada” ou alguma coisa assim” (Regina).

Pode-se entender o termo rótulo como sinônimo de estigma, pois conforme a opinião de *Regina*, é perceptível em outros meios sociais, não somente na escola a utilização de marcas tribais ou de grupos.

Em um ambiente escolar como é o Olavo, os estigmas aparecem com frequência, conforme se verificou tanto nas manifestações verbais das jovens atrizes, quanto nos registros fotográficos realizados por elas. A utilização da máquina fotográfica era para ser feita individualmente, porém, por acharem o mesmo jovem feio, tiraram apenas uma foto dele, justificando sua feiúra por usar óculos com lentes fortes, roupas de marca desconhecida e possuir um comportamento diferente. Mas não sabem que este jovem é epilético e por tomar remédios muito fortes acaba tendo atitudes diferenciadas dos demais do grupo. Há uma certa tendência a estigmatizá-lo e até mesmo desprezá-lo no grupo formado por alunos de uma mesma sala de aula.

As manifestações de estigmas de raça marcam presença no grupo das jovens atrizes, conforme é possível verificar nas próximas falas:

“Eu acho este guri feio porque ele é baixinho, gordo, cheio de espinhas, orelhudo, além do mais tem os cabelos vermelhos; olho para ele e vejo o “Dumbo” (elefantinho que tem grandes orelhas, personagem dos filmes infantis da Disney)”.
(Rosângela)

“Eu também acho este vermelho horrível, ele parece parente da Pimentinha (personagem de desenhos em quadrinhos)”. (Roberta)

Ao conceito de fachada social, especificamente aparência e maneira, associa-se à realização dramática como nas atitudes manifestas pelos indivíduos durante uma interação. Isso quer dizer que, em determinados grupos ou bases, os indivíduos podem assumir certas práticas com mais ênfase do que em outros locais.

Os jovens podem comportar-se dessa maneira, pois tem a possibilidade de parecer bastante sérios diante dos pais e professores e com seus amigos ter um comportamento oposto. Eles próprios incorporam as influências sociais e as transferem para suas representações diárias, seja em casa ou no ambiente escolar, pois cada representação que ocorrerá em diferentes áreas da vida terá um toque pessoal, especial e único.

Uma realização dramática pode ser muito bem representada nos grupos ou equipes, onde cada integrante assume um papel frente aos demais.

Goffman (1975) define equipe como “um conjunto de indivíduos cuja íntima cooperação é necessária, para ser mantida uma determinada definição projetada da situação. Uma equipe não é um grupo em relação a uma estrutura ou organização, e sim em relação a uma interação, na qual é mantida a definição apropriada da situação”(p.99).

Os jovens convivem em grupos no ambiente escolar e cada grupo desenvolve suas características peculiares. Todo representante de uma equipe torna-se significativo a ela. Esta significação também está associada à exigência de que seus membros apresentem-se sob o aspecto determinado por ela para que possam ser efetivos integrantes da referida equipe. Para o jovem a experiência no grupo é muito significativa. Através dela, desenvolve um processo de aquisição de padrões de comportamento, crenças, normas e motivos criados pelo próprio grupo ao qual estão inseridos.

As representações corporais também estão presentes no comportamento dos integrantes de uma equipe e são construções individuais de um imaginário criado socialmente. O simbolismo das representações corporais também é componente da impressão e da compreensão que tenderão a definir a encenação dos jovens, em função da duração do tempo e do espaço em que estarão inseridos.

Houve um momento, durante as oficinas que a discussão foi sobre as fotos que todas elas tiraram. O assunto tratado foi em relação às aparências, as maneiras e também aos estigmas que foram retratados. O grupo apresentou opiniões homogêneas com relação a achar determinada pessoa bonita ou feia. As atrizes, integrantes de um determinado grupo, que é representado pela sala de aula que dividem, enquadram-se nos parâmetros de análise do imaginário e das representações com relação as maneiras de pensar e de agir.

Sendo o imaginário determinante das obras do sujeito, a corporalidade também se elabora através do imaginário social, assim como das próprias subjetividades. Soares (1994) explica esta questão pelo fato de que “a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os alunos da escola”(p.39).

Castoriadis (1995), entende que a estruturação das interações corporais

[...] encontra apoio na corporalidade, na medida em que o mundo dado à sensorialidade já é necessariamente um mundo articulado, na medida também em que a corporalidade já é necessidade, portanto que objeto material e objeto humano, alimento como acasalamento sexual, já estão inscritos no interior dessa necessidade, e que uma relação com o outro objeto e uma relação com o outro humano, portanto uma primeira “definição” do sujeito como necessidade e relação com o que pode satisfazer essa necessidade, já está carregada por sua existência biológica. (p. 176)

Assim, a corporalidade humana se expressa, também, através de práticas, gestos, posturas, linguagem pessoal constituída e constituidora da linguagem do mundo. No âmbito coletivo, a corporalidade identifica uma sociedade, tornando-se a instituição social do sujeito que é também a incorporação dos sentidos que são inscritos no corpo, veiculados das mais diversas formas. As práticas corporais dominantes em uma dada sociedade instituem o corpo social dos sujeitos, fazendo parte das dimensões de ser social do humano. Ainda com base no pensamento castoriadiano, a corporalidade assume o papel de ligação do sujeito com os outros e o mundo. Pois, segundo o autor, o corpo é “[...]o suporte desta união do sujeito e do não sujeito no sujeito, o eixo desta articulação de si e do outro é o outro, esta estrutura “material” plena de um sentido virtual.” (p. 128)

Gonçalves (1994) refere-se a esta problemática partindo em busca de uma compreensão do “corpo próprio”. Segundo a autora,

“o “corpo próprio” transforma-se no decorrer de nossa vida, por meio de nossas experiências. A partir do ‘corpo próprio’ e do contato com o mundo em uma determinada situação, estruturamos e reestruturamos nossa percepção e nossa interpretação do mundo e agimos neste mundo, transformando este mundo, ao mesmo tempo que transformamos a nós mesmos”.(p.151)

O movimento humano deve ser entendido como algo que possui seus significados e que por meio de suas experiências o indivíduo consegue objetivar todas as suas ações. Seguindo o mesmo raciocínio, todas as expressões corporais são capazes de exprimir a complexidade que compõe o ser humano.

Ao executar determinado gesto, a pessoa, descreve sua personalidade, a sua história de vida, sua individualidade, sua ideologia. No ambiente escolar é possível criar condições para que o ser humano possa desenvolver-se e ter consciência da construção de sua sensibilidade através da sua relação de unidade e diversidade com o mundo; um ser que expressa os conhecimentos acumulados historicamente por suas intervenções sociais; um ser que através da comunicação corporal dá sentido às suas ações; e um ser que cria e significa, pois é capaz de captar o novo em cada situação atribuindo novos significados às suas próprias ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se deseja realizar uma análise da vida cotidiana de um determinado grupo social, é necessário estabelecer formas mais adequadas de penetrar neste cotidiano. Desta maneira é possível obter informações mais precisas a respeito das atividades cotidianas de determinado grupo, no caso deste estudo, composto por jovens do sexo feminino.

A utilização da metodologia baseada nos pressupostos etnometodológicos, permitiu a pesquisadora adentrar no cotidiano do grupo pesquisado através das interações, gestualidades, desenhos, fotografias e falas, linguagens do próprio grupo.

Através de suas falas, as jovens atrizes puderam demonstrar sua percepção sobre o contexto cultural no qual estão inseridas. Este contexto é caracterizado, em primeira instância, pelo ambiente escolar, juntamente com as influências que trazem do meio familiar e da própria sociedade. É importante chamar atenção para a escolha da metodologia, pois esta favoreceu um bom entrosamento entre a pesquisadora e as jovens atrizes. Estabeleceu-se um laço afetivo muito grande entre as partes, o que pode ter auxiliado na coleta dos dados, pois as jovens atrizes sentiram-se a vontade na presença da pesquisadora, externando com sinceridade suas opiniões. Durante as oficinas, seguidas vezes comentaram que gostariam de continuar com o trabalho, pois no ambiente escolar não são ouvidas ou nunca têm tempo para falar delas próprias, de suas curiosidades, seus anseios, suas dificuldades...

Como uma das temáticas centrais desta investigação foi a representação corporal das jovens no ambiente escolar, neste caso o Colégio Olavo, foram perceptíveis as características do imaginário social nestas representações; compreendeu-se nas manifestações das jovens, a influência de determinadas ideologias constituidoras do imaginário social, presentes tanto no ambiente familiar quanto no ambiente escolar.

O imaginário está relacionado a algo ilusório, mas também assume sua concretude no cotidiano de uma sociedade. Pode-se conhecer algumas de suas influências quando as jovens atrizes manifestaram sua vontade de usar *piercings*, calças de cintura baixa e rasgadas (como dita a moda), cabelos coloridos, roupas mais ousadas e são, de certa forma, proibidas e reprimidas pelas opiniões familiares e pelas atitudes de determinados grupos na escola. A expressão destas jovens atrizes, ao usar determinadas modas, é de contestação às opiniões de seus familiares que as chamam de “drogadas”, “rebeldes”, “do contra”, etc., não compreendendo que estas modas são, ao mesmo tempo fruto de uma ideologia do consumo, também uma linguagem simbólica da juventude, de uma maneira geral.

Cada meio social é influenciado pelo imaginário social que é rico em símbolos que são instituídos ideologicamente em todas as instâncias sociais. A escola, neste contexto, é considerada como importante meio social que exerce influências determinantes na formação dos jovens em geral. Esta influência da escola institui-se não somente pelos conteúdos e metodologias desenvolvidas dentro dela, mas pelos relacionamentos estabelecidos pelos jovens neste ambiente, pela constituição de grupos e pela recriação de uma cultura juvenil que tem sido esquecida ou secundarizada pelos professores e pela instituição.

Quando dirige-se o olhar para as representações corporais de jovens do sexo feminino no ambiente escolar, encontra-se marcas diferenciadas na corporalidade destas

jovens. A escola continua priorizando a memorização dos conteúdos e sua forma repetitiva de mostrar o que o estudante aprendeu. Deixa de lado a espontaneidade, a liberdade, a criatividade, tanto em seus conteúdos quanto na valorização das representações corporais. Para que ela possa contribuir com a emancipação social, deveria estar centrada numa perspectiva de educação integral dos seus atores principais - os estudantes -, e não apenas direcionada a somente um ou outro de seus componentes.

A condição corporal essencial do ser humano, sua presença no mundo por meio do corpo, cria e expressa-se tanto verbal quanto corporalmente, mostrando diferentes sentidos e significados na forma como pode ser entendida a corporalidade. Esta dimensão corporal possibilita com que os seres humanos aprendam não somente com a inteligência e com a razão mas através de seu corpo, de sua sensibilidade, de sua imaginação.

Sendo assim, eles são considerados como seres singulares e múltiplos ao mesmo tempo. Singular porque não há ninguém igual no universo, portanto, é “ele próprio”; e múltiplo porque partilha de um mesmo imaginário social adaptando-se a ele e assimilando-o.

Este ser histórico-social expressa, através de sua corporalidade, sua história individual bem como a história de uma sociedade. É por meio do corpo que as jovens podem expressar sua interioridade e é também através dele que elas podem receber, codificar e traduzir os estímulos do mundo externo ao seu ambiente social.

Com referência às representações corporais, destaca-se outra categoria de análise importante para este estudo. Mais um simbolismo identificado no grupo das jovens atrizes foi a mídia representada pelas revistas que elas gostam de ler, pois contém assuntos de total interesse para este grupo pesquisado. As revistas sugerem símbolos

que são incorporados nas atitudes cotidianas das jovens como as roupas que usam, os cortes de cabelo, as bijuterias, as maneiras de agir, entre outros.

Os focos imagéticos predominantes no ambiente escolar determinam as representações corporais que as jovens atrizes constituem nos mais variados cenários que compõem o Colégio Olavo, como por exemplo, a entrada da escola, o bar, o pátio interno, entre outros. Para cada lugar há a incorporação de uma fachada pessoal diferente, estabelecendo modos diferenciados de se portar, de se vestir e até mesmo de falar. Essas categorias de análise estão contidas nas características individuais de cada subgrupo que frequenta o ambiente escolar respectivamente e que foi relatado pelo grupo das jovens atrizes.

Cria-se, assim, uma rede de estereótipos, constituída pelo imaginário e, como parte constituinte deste, pela mídia. A fachada pessoal usada para a representação em determinado local, torna-se uma fachada coletiva, pois os integrantes do mesmo grupo tendem a representar-se de maneiras muito parecidas, quase iguais. São os estereótipos que determinam quem e quando determinado jovem pode adentrar em um ambiente diferente daquele que está acostumado a representar.

Percebeu-se também nesta pesquisa, o quanto os estigmas estão presentes nas atitudes, comportamentos e ações do grupo das jovens, sejam aqueles considerados feios, gordos, ou aqueles que usam roupas que não estão na moda, óculos com lentes grossas, entre outras coisas que os estigmatizam. As jovens atrizes atribuem uma grande significação aos estigmas criados pelo imaginário e pelas ideologias sociais.

Um estudo realizado dentro de um ambiente escolar, em um determinado tempo e com determinado grupo, neste caso jovens do sexo feminino, apresenta determinadas características que podem modificar-se a cada momento. Por este motivo é que sugere-se que este estudo seja realizado com jovens do sexo feminino, mas que compreendam

outra faixa etária, bem como com os jovens do sexo masculino. Também pode-se aprofundar a análise relacionada à mídia, de um maneira geral (revistas, jornais, televisão, rádio, Internet) e sua influência na representação corporal dos jovens de ambos os gêneros no ambiente escolar e suas relações com o imaginário social.

Pesquisar sobre o imaginário social e as representações corporais de jovens no ambiente escolar permitiu a pesquisadora conhecer e compreender o cotidiano deste importante ambiente social. Adentrar neste ambiente, que é freqüentado por jovens, permite uma maior aproximação com eles proporcionando um entendimento mais verdadeiro de suas atitudes, relacionamentos e representações. Este estudo foi relevante pois seus resultados poderão auxiliar na prática pedagógica, levando em consideração as culturas juvenis no que diz respeito a práticas corporais diferenciadas, tanto nas aulas de Educação Física quanto nas demais disciplinas no Ensino Médio, possibilitando uma maior comunicação com os jovens e de cada jovem com sua dimensão corporal. Percebeu-se ao longo deste estudo que cada vez mais torna-se necessária a aproximação entre os adultos e os jovens em nossa sociedade, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Achutti, L. E. (2001). Imagem e fotografia: aprendendo a olhar. In: Leal, O. (Org.). *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS.
- Assmann, H.(1993). *Paradigmas educacionais e corporeidade*. Piracicaba: Unimep.
- Bastos, L. (Org.). (1998). *Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, tese, dissertações e monografias*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e científicos Editora S.A.
- Cardoso, R. & Capriglione, L (1998). Da cor do sucesso. *Revista Veja*, n.25,pp. 98-109.
- Castoriadis, C. (1982). *A instituição imaginária da sociedade*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Castoriadis, C. (1987). *As encruzilhadas do labirinto I*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Castoriadis, C. (1987). *As encruzilhadas do labirinto II*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Castoriadis, C. (1999). *Feito a ser feito*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Dantas, E. (2002). *O corpo modificado, os discursos da mídia e a educação multirreferencial*. Dissertação de mestrado, Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, UFRGN, Natal.
- De Antoni, C. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intra familiar 1. In: *Estudos de psicologia*. V.5, n.2, Jul/Dez.: Natal.
- Ferreira, A (1998). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed. 38ª impressão. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Fischer, R. (1993). *O capricho das disciplinas*. 16ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu.
- Fontanella, F. C.(1995). *O corpo no limiar da subjetividade*. Piracicaba: Unimep.
- Foucault, M. (2001). *Microfísica do poder*. 16 ed. Rio de Janeiro: Editora Graal Ltda.
- _____ (2000). *Vigiar e punir*. 23 ed. Petrópolis: Editora Vozes.
- Fraga, A (2000) *Corpo, identidade e bom mocismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Freire, J.B.(1991). *De corpo e alma: o discurso da motricidade humana*.São Paulo: Summus.
- Goffman, E. (1975). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes.

- _____ (1982). *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Gonçalves, M.A. (1994). *Sentir, pensar, agir. Corporeidade e Educação*. Campinas: Papirus.
- Grando, J.C. (Org.).(2001). *A (des) construção do corpo*. Blumenau: Edifurb.
- Haguette, T. M.(1995). *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- Helfer, D. (2002). A ambiguidade da imagem. In: Bernardi, B. Ribeiro, E. Izabel, E. Mezzari, M. Pereira, R. (Orgs.). *Seminários espetaculares* . Porto Alegre: Companhia Riograndense de Artes Gráficas.
- Kostman, A (2001). Meu pai fuma maconha comigo. *Revista Veja*, n.45, pp. 98-99.
- Kunz, E. (1994). *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí.
- _____. (1993). *Educação física ensino e mudanças*. Ijuí: Unijuí.
- Louro, G. (2000). Corpo, escola e identidade. In: *Educação x Realidade – Produção do Corpo*. V.25, n.2. Porto Alegre: FAGED/UFRGS.
- Moreira, W.W. (Org.).(1992). *Educação física e esportes. Perspectivas para o século XXI*. Campinas: Papirus.
- Novaes, R. (1992). Um olhar antropológico. In: Teves, N. (Org.). *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Editora Gryffus.
- Ortega, F. (1999). Amizade e estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Osório, L. (1992). *Adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Outeiral, J. (1994). *Adolescer*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pais, J. (1986). *Análise social*. Vol. XXII: Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- _____. (1993). *Culturas Juvenis* . Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Patrulha do umbigo (2001, 22 de agosto). *Revista Veja*, p.94.
- Pich, S. (1999). *A significação imaginária da natureza e as práticas corporais dos Adolescentes das 7ª e 8ª séries de uma escola de periferia da cidade de Santa Maria –RS*. Dissertação de mestrado, UFSM, Santa Maria.
- Postic, M. (1993). *O imaginário na relação pedagógica*. Rio de Janeiro: Zahar Editora.
- Queiroz, M. I. (Org.). (1993). Reflexões sociológicas sobre o imaginário. In: Queiroz, M. *O imaginário em terra conquistada*. São Paulo: CERU.
- Romero, E. (Org.). (1995). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus.
- Santin, S. (1987). *Educação física – uma abordagem filosófica corporeidade*. Ijuí: Unijuí.
- Saviani, D.(1991). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez.
- Sholl, L. (1992). Desejos sociais “versus” práticas educacionais: uma tensão no imaginário social. In: Teves, N. (Org.). *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Editora Gryffus.
- Silva, A.M. (2001). *Corpo, ciência e mercado*. Campinas: Editora Autores Associados.

- Silva, M. (1992). Geração 80/90 e o turbilhão audiovisual. In: Teves, N.(Org.) *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: editora Gryffus.
- Soares, C. (Org.). (2001). *Corpo e história*. Campinas: Editora Autores Associados.
- _____. (1998). *Imagens da Educação no Corpo*. Campinas: Editora Autores Associados.
- Souza, N. (2000). Representações do corpo – identidade em histórias de vida. In: *Educação x Realidade – Produção do Corpo*. V.25, n.2. Porto Alegre: FAGED/UFRGS.
- Surdi, B. (2001). *Corporeidade e aprendizagem o olhar do professor. Série dissertações de Mestrado*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Teves, N. (Org.). (1992). *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Editora Gryffus
- Triviños, A (1987). *Introdução a pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

ANEXOS

ANEXO 1

Especial

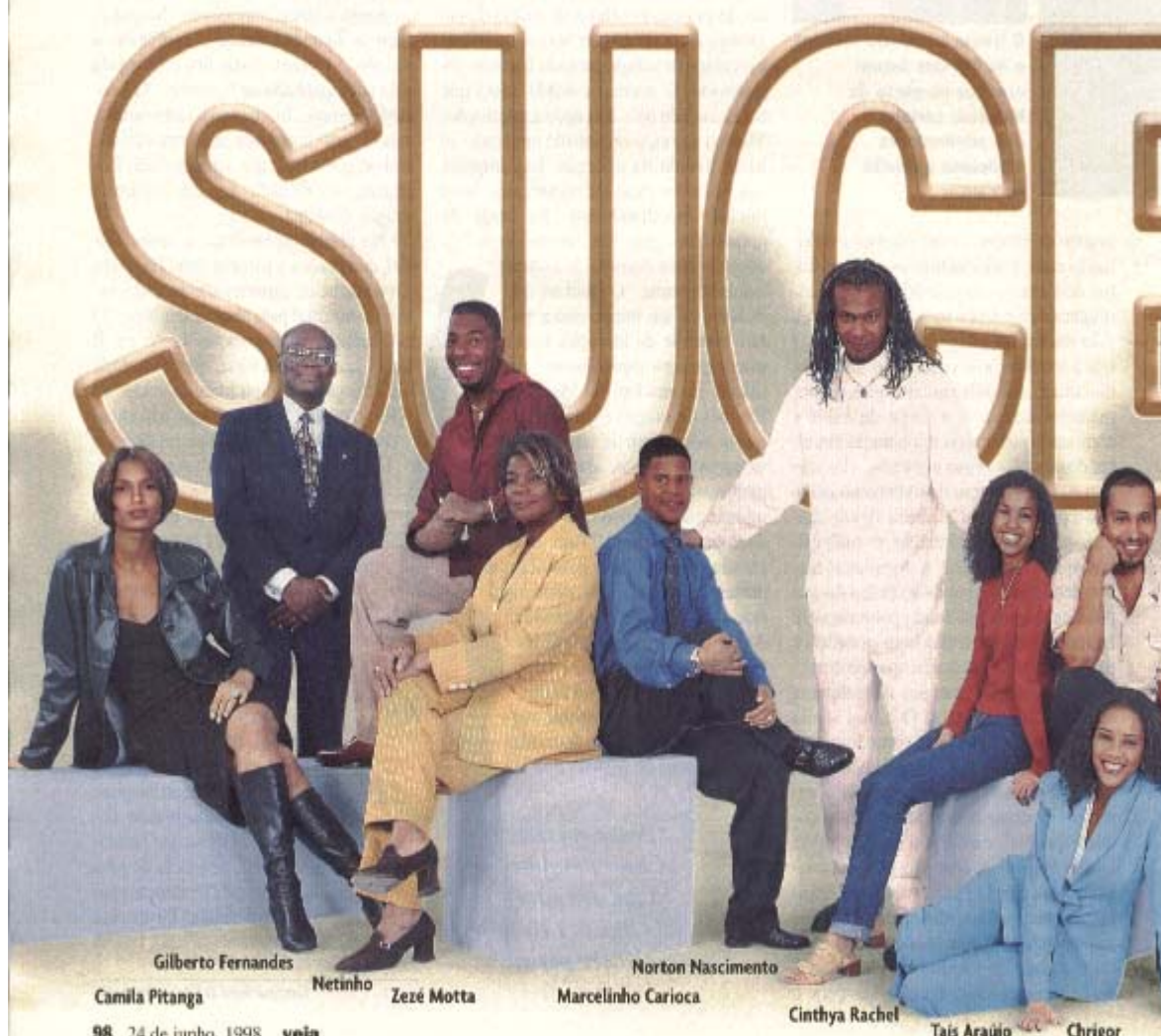
DA COR DO

**Ídolos negros
contam como
estão ajudando
a romper a barreira
do preconceito**

Rodrigo Cardoso e Laura Capriglione

Por mais que os militantes dos movimentos negros torçam o nariz de desdém, um auspicioso vento de mudança sopra no mundo das barreiras raciais no Brasil. Vamos começar com um paradoxo. O bumbum mais festejado do país, o nosso bumbum tipo exportação, não pertence mais a uma mulata. A dona desse predicado é uma loura, Carla Perez, a moça do É o Tchan! Atrizes deslumbran-

tes como Camila Pitanga, Isabel Fillardis e Taís Araújo freqüentam as novelas dos horários nobres como moças de classe média — e não mais como serventes e copeiras, outro traço da televisão no passado. As estrelas negras da música são hoje os artistas mais bajulados pelas gravadoras. Afinal, eles são imbatíveis nas paradas de sucesso e no barulho da caixa registradora. O pagodeiro Alexandre Pi-



Gilberto Fernandes

Camila Pitanga

Netinho

Zezé Motta

Norton Nascimento

Marcelinho Carioca

Cinthy Rachel

Taís Araújo

Chrigror

res, do Só pra Contrariar, vende três vezes mais discos que o romântico das multidões, Roberto Carlos, e quinze vezes mais que o baiano Caetano Veloso. Muito bem: um artista negro se enche de dinheiro enquanto a multidão dos seus irmãos de cor continua sendo massacrada pela pobreza. Qual é a novidade?

Para ser exato, há duas e não uma novidade. A primeira é que a maioria dos negros está em ascensão em matéria de renda e de escolaridade. Há hoje uma classe média negra integrada por 7,5 milhões de pessoas com renda média familiar de 2 600 reais por mês e uma arrecadação conjunta de 46 bilhões de reais anuais. O nível de escolaridade dos jovens negros brasileiros de maneira geral é muitíssimo mais elevado que o de seus

pais e avós e as ambições de consumo dessa população são iguais às manifestadas pelos brancos. A segunda novidade refere-se às exceções, os indivíduos que fazem sucesso e enriquecem, como o cantor Alexandre Pires ou o jogador da seleção Roberto Carlos. Vitaminados pela potência extraordinária adquirida pela cultura de massa, eles podem se beneficiar do sucesso numa dimensão desconhecida por seus antecessores.

Vem de longe a decantada facilidade dos negros em áreas como o futebol ou a música, particularmente o samba. Pelé, Garrincha, Didi, Barbosa, Fio Maravilha e Leônidas da Silva são alguns do primeiro time, o da bola. Pixinguinha, Ataulfo Alves e Cartola eram do segundo, o da música. Foram todos ídolos, mas a velha-

guarda, com exceção de Pelé, levou uma vida humilde, não raro humilhante. Agora, não. Os negros que estão nas paradas de sucesso e nos gritos de gol são profissionais que lidam com perfeição com a indústria do entretenimento. Cercam-se de empresários e negociam contratos estelares. Entre direitos autorais e shows, Alexandre Pires embolsa todo mês 85 000 reais. Tem mais de 100 ternos no armário (Versace e Armani) e dois carros importados na garagem (um Porsche e uma Cherokee). Para comparar, Pixinguinha, mesmo depois de ter composto o hit *Carinhoso*, e Cartola, depois de *As Rosas Não Falam*, continuaram morando nas mesmas casas pobres de antes do sucesso. Cartola só foi gravar seu primeiro LP aos 66 anos de idade. Pixinguinha





**Perguntam
por que
insisto em
dizer que
sou negra,
sendo “tão
bonitinha”**

Pode ser estranho, mas às vezes fico constrangida por não ter histórias marcantes de racismo na minha vida. Por mais que eu insista em reafirmar as minhas raízes negras, as pessoas sempre acham o contrário. É algo bastante incômodo e tão terrível quanto o mais puro preconceito. A partir do momento em que me tornei conhecida do grande público, essa situação ficou ainda mais evidente. Já me acostumei a ser parada nas ruas por pessoas que estranham o fato de a minha pele ser clara, meus traços finos e meu cabelo liso. Perguntam por que insisto em dizer que sou negra, sendo “tão boniti-

na”. É um absurdo. É tão violento como se eu fosse barrada num restaurante ou num hotel por causa da minha cor. Sou muito parecida com minha mãe, a ex-modelo Vera Lúcia Manhães, que é da minha cor. O meu pai, Antônio Pitanga, é que é negro. Já fiquei muito triste com esse tipo de atitude, mas hoje encaro com mais naturalidade. Não liguei, por exemplo, para os comentários que escutei depois de ter sido capa da revista *Raça Brasil*. Alguns fãs escreveram e me disseram que não entendiam o fato de eu ter sido entrevistada por uma publicação dirigida para os negros. Repito: eu sou negra.

**Camila Pitanga, 21 anos,
atriz**

passou os últimos anos de sua vida bebendo água mineral e batendo papo com os amigos da velha-guarda. O crepúsculo dos velhos jogadores de futebol foi tão cruel quanto o dos sambistas. O ex-goleiro Barbosa, crucificado pela derrota da seleção na Copa de 50, sobrevive graças a uma aposentadoria mensal de 86 reais. O mágico Mané Garrincha morreu, entre outros sintomas, com gastrite alcoólica hemorrágica. Por fim, o atacante Fio Maravilha, que encantava a galera rubro-negra do Flamengo — homenageado na letra de Jorge Ben Jor —, teve de mostrar

gingado para entregar pizzas e pintar paredes nos Estados Unidos, depois de encerrada a carreira.

Os 7,5 milhões de negros e mestiços que já chegaram à classe média, sustentados por um padrão de escolaridade três vezes superior ao dos pais, ainda são minoria se confrontados com o total de 68 milhões de indivíduos com ascendentes africanos existentes no país. Mas nunca foram tantos e jamais estiveram tão à vontade para ostentar sua raça sem o encolhimento que caracterizou as gerações anteriores. Tome-se a Seleção Brasileira

de Futebol, esta, que os locutores esportivos não cansam de proclamar a mais cara da Copa (leia-se: a que tem atletas mais bem remunerados). É a mais negra desde a de 1966, com sete titulares negros ou mestiços. Onipresentes em propagandas de tênis, artigos esportivos, refrigerantes, cervejas e bancos, os craques brasileiros embolsam, com a dinheirama paga por anunciantes, uma quantia avaliada em 10 milhões de reais ao ano, fora salários e luvas. Já seria impressionante, mas o simples fato de um rosto negro brasileiro adornar peças publicitárias que querem vender artigos caros para gente de todas as cores mostra o quanto o Brasil mudou. Em 1929, para provar as teorias racistas em voga nos meios europeus, que a fina flor brasileira engolia docilmente, o Congresso Eugenista nacional apresen-



tou negros a uma platéia de brancos, muitos mulatos fingindo-se de arianos. O objetivo: demonstrar como eles eram feios e intelectualmente incapazes. Feios eles eram mesmo. Intelectualmente incapazes, provavelmente também. Não foi difícil a um militante anti-racista, Edgard Roquette-Pinto, mostrar a perversão do show. "Eles não são negros, apenas. São negros e doentes." Um dos negros expostos era sífilítico. O outro era tuberculoso. Todos eram subnutridos.

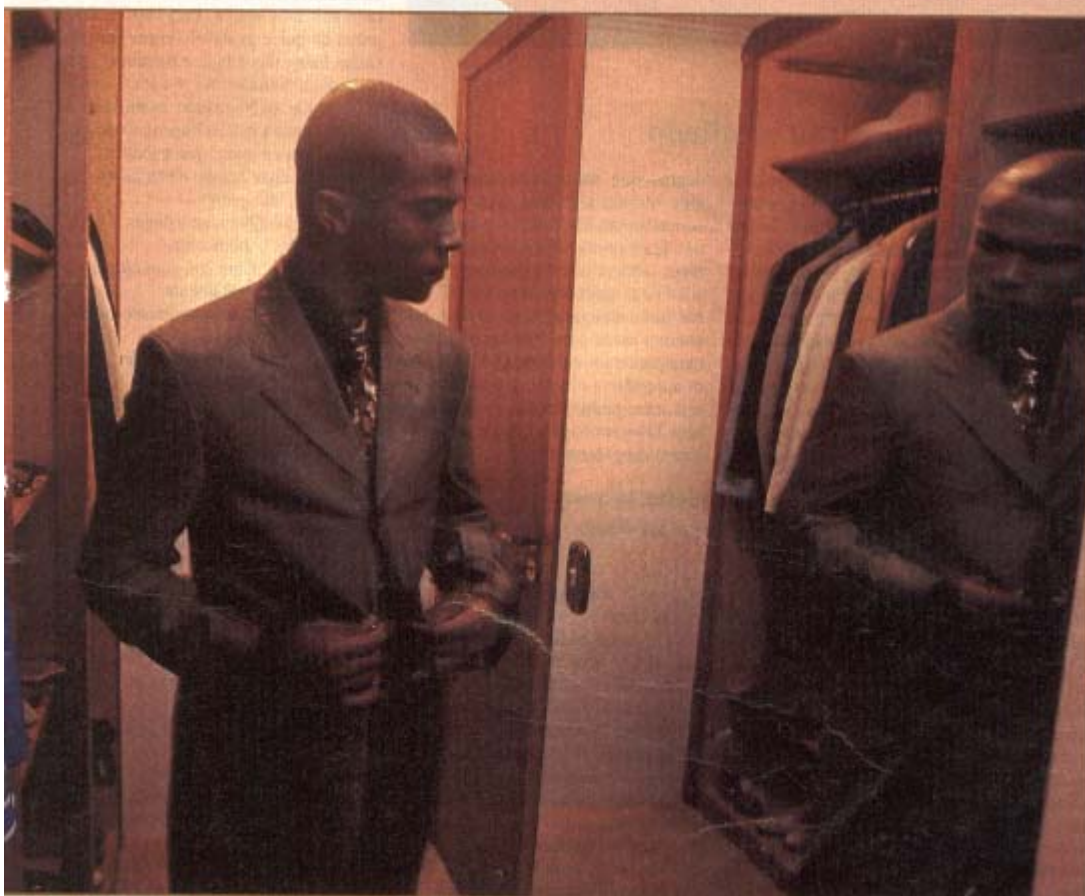
Uma pesquisa da agência Grottera com negros de classe média mostra como esses tempos vão longe para uma parte significativa da população negra. Em primeiro lugar, esses negros investem fortemente em educação, o que, segundo os autores da pesquisa, "indica uma con-

Mais de 100 ternos Dolce & Gabbana, Versace e Armani enchem o meu armário

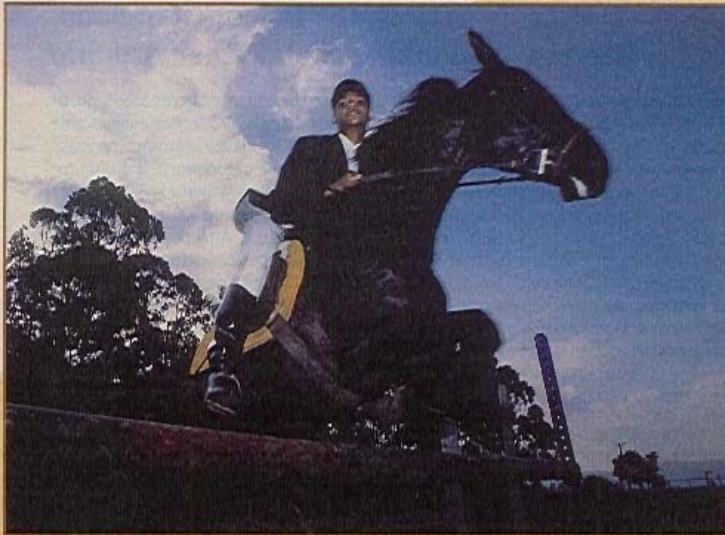
A música veio de família. Mamãe era cantora e papai, baterista. Eles levavam uma vida muito incerta. Então, opuseram-se à minha carreira. Mas o *Só pra Contrariar* contrariou todas as expectativas. Um ano depois de formado, já vendíamos meio milhão de cópias do nosso CD. Foi aí que comecei a sentir o racismo. Vários amigos achavam anormal ver um negro num carrão importado e com uma casa luxuosa. Uma vez, eu estava com meu carro em Uberlândia e um motorista branco encostou ao meu lado e lascou: "E aí, negão, pegou para lavar?" Numa outra vez, ao estacionar meu Porsche na

porta de um restaurante caro de São Paulo, tive de ouvir do dono: "O senhor é jogador de futebol?" Não tem jeito: negro rico no Brasil ou é jogador ou é pagodeiro. Já trabalhei como funcionário de lavanderia. Hoje pago para lavar e passar os mais de 100 ternos Dolce & Gabbana, Versace e Armani que enchem o meu armário. As pessoas pensam que, só porque sou negão, tenho de andar com calças de capoeira. Nunca concordei com isso. Contratei uma personal stylist e montei uma academia de ginástica na minha cobertura, em São Paulo. Mesmo assim, continuo me achando, no máximo, um neguinho ajestado.

Alexandre Pires, 22 anos,
vocalista do *Só pra Contrariar*



ESCRITO VINCULADA



Se saio na rua cinco vezes, em pelo menos uma sou insultado

Moro num prédio de classe média. Aos 9 anos, eu era o único negro. Três amigos meus viviam chamando meus pais e eu de "café" e "King Kong". Eu me sentia humilhado. O síndico dizia que lugar de negro era na senzala. Aos 11 anos, deixei de frequentar o playground. Ficava em casa. Nunca mais brinquei no prédio. Mas não tem jeito. Se saio na rua cinco vezes, em pelo menos uma sou insultado. No ano passado, ao voltar do colégio a pé, o motorista de uma Kombi jogou o carro em cima de mim e gritou: "Vai para casa, macaco". Na escola, certa vez um colega disse que gostava tanto dos

negros que se pudesse comprava todos eles. Mesmo sem querer, as pessoas são preconceituosas. Em 1996, fui a um restaurante japonês. Era o único negro. Todos me olhavam. Um dos meus amigos tentou me consolar: "Não liga. É só você ficar quietinho aí no canto". Na época em que me isolei dos garotos do prédio, todos os fins de semana meus pais arrumavam programas fora de casa para mim. Num deles, fomos à Hipica e decidi aprender a montar. Comecei a competir. Em seis anos, ganhei dezoito medalhas e dois troféus. O hipismo me ajudou a superar o problema do preconceito.

**Augusto Modesto, 16 anos,
estudante em São Paulo**

tínua projeção de qualificação desse público para um futuro próximo". Os dados são eloqüentes quando se compara o grau de instrução dos jovens entrevistados com o do chefe da família. Enquanto só 27% dos pais concluíram o colegial, ou começaram uma faculdade, quase 40% dos jovens já chegaram a esse nível de escolaridade. Treze por cento dos pais nem concluíram o primário, enquanto essa baixa escolarização só é repetida por 4% dos jovens. A explicação é fácil. A metade dos entrevistados prefere aplicar a sobra de salário mensal em livros e cursos.

A grande mudança começou pela educação, com a universalização do acesso ao ensino básico, no final da década de 60. É uma militante negra do PT, Dulce Maria Pereira, suplente do senador Eduardo Suplicy, quem explica: "Foi o governo dos militares que criou a possibilidade de uma classe média negra no país, quando abriu as portas das escolas públicas para todos, e não só para a elite branca, como era no passado". O vocalista José de Paula Neto, 27 anos, o Netinho, do conjunto de pagode Negritude Júnior, é a tradução disso. Filho

de empregada doméstica e de um operário gráfico, ambos semi-alfabetizados, começou a vender doces em estações de trem ainda criança, tornou-se office-boy, passou a escriturário. Chegou a gerente de banco. Nesse ponto, trocou o cargo burocrático pelo palco. A escalada foi proporcional aos anos de estudo — o cantor completou o 2º grau numa escola pública. É até hoje um líder no conjunto habitacional da Cohab de Carapicuíba, município-dormitório vizinho a São Paulo e esconderijo de um dos piores indicadores sociais do país. Hoje, o vocalista embolsa 50 000 reais todo mês com os shows de pagode e a venda de CDs. Já acumula seis discos de ouro e quatro de platina. Netinho fala de consciência negra, mas seu discurso é muito diferente do que se ouve dos cantores americanos de rap. "Sou um exemplo para os meninos negros. Para eles, eu sou a prova de que é possível vencer com trabalho, longe das drogas e do crime", costuma dizer Netinho. Na música *Gente da Gente*, que o Negritude canta, não se enaltece a malandragem. O elogio é para a gente que trabalha:

Esse samba é pra gente da gente

Que vive a pegar no batente

Com sol, com chuva ou doente

Esse povo merece uma medalha

Gente que tem de trabalhar

Porque nunca foge da batalha

Essa gente da gente não dá falha

Porque não tem fama de canalha.

É um exemplo e tanto, quando se considera que grande parte das bandas de rock preferidas pela garotada branca adora fazer propaganda pela liberação da maconha, como o Planet Hemp, Barrão Vermelho ou O Rappa. Também entra nessa apologia o rapper playboy Gabriel, o Pensador, que numa letra matus-quela ordena:

Acende, puxa, prende e passa.

Índio quer cachimbo,

Índio quer fazer fumaça.

Para quem não entendeu a "poesia", o verso é uma alusão ao ritual de fumar maconha.

"Os negros brasileiros se cansaram de ser enfiados todos nos sacos da mar-

ginalidade ou do folclórico", lembra a psicóloga negra de São Paulo Edna Roland. A pesquisa da agência Grottera confirma isso. Afinal, o que querem os negros? Querem o que todo mundo quer — 54% querem mais dinheiro; 44%, abrir seu próprio negócio; 43%, trocar ou comprar carro; 39%, viajar; 29%, comprar uma casa. A diferença é que, agora, os negros estão conseguindo reunir as condições para isso, orgulham-se de tais conquistas e de si mesmos. Descubrem laços entre pessoas que antes a própria língua separava.

"Terra do preto doutor" — Só a Bahia, Estado cantado em prosa e verso como o viveiro da "democracia racial" brasileira, registra em seu vernáculo pelo menos dez distinções entre descendentes de escravos. *Negão* costumava ser pejorativo, aplicado a pessoas por quem não se tinha consideração. *Escurinho* aplicava-se a pessoas humildes, mas "decentes", "que conheciam o seu lugar". *Moreno* era o descendente de africano com pele escura e cabelos lisos. *Sarará* era o descendente de africano de pele clara, cabelo duro e amarelado, com olhos claros. *Sarará miolo* designava o mesmo que sarará, mas quase albino. *Gato* servia para louros, mas classificava os albinos. *Negro formiga* era o descendente de africano de pele marrom. *Retinto*, o de pele azulada. *Cabo-verde*, o indivíduo de pele escura, cabelos lisos, escuros e olhos claros. *Mulato*, a designação genérica, mas geral-

Adoro os negros, mas eles não olham na minha cara. Têm vergonha da própria cor

Sou filha de uma dona de casa e de um operador de ferragens e, quando pequena, morava num sobrado de quatro quartos com meus pais e mais sete irmãos. Sempre sobrevivi graças ao basquete. Comecei a carreira aos 14 anos, por insistência de meu irmão Roni. No início, precisava diariamente da autorização de um diretor do clube para entrar no ginásio e treinar. Os seguranças sempre desconfiavam de mim. Achavam absurdo uma negra treinar entre as brancas.

Com 21 anos, eu já morava sozinha, e foi graças a essa independência que pude ficar quase dois anos jogando nos Estados Unidos. Para mim, era uma alegria quando

ligava a televisão e via que quase todos os repórteres eram negros. Hoje, já tendo acumulado os títulos de campeã paulista, brasileira, sul-americana, panamericana, mundial e a medalha de prata na última Olimpíada, em Atlanta, sustento meus pais e moro sozinha em um apartamento de quatro quartos. Apesar disso, não consigo atrair a atenção dos homens negros. Tive vários namorados brancos. Adoro os negros, mas eles não olham na minha cara. Não sei o que acontece. Acho que os negros ainda discriminam muito sua própria raça. Têm vergonha da própria cor.

Marta de Souza Sobral,
34 anos, jogadora
da Seleção
Brasileira de
Basquete

mente aplicada a mestiços evidentes, nariz chato e lábios carnudos.

Nos Estados Unidos, onde a presença de sangue negro até a quarta geração já servia para demarcar o campo racial, tais diferenças nunca fizeram sentido. Era-se negro, mesmo que a pele fosse branca, o cabelo liso e os olhos claros. Sofria-se a discriminação e ponto. A Bahia, "terra do preto doutor", como cantou Dorival Caymmi, nunca sofreu esses rigores, embora sempre tenha identificado no indivíduo branco a fonte de poder, e na cor ne-



FOTOS: GUSTAVO MULLER/REDA

O que querem

No Brasil, há 7,5 milhões de negros de classe média, com renda conjunta de 46 bilhões de reais. Suas ambições:



Fonte: Grottera

Mais escola

Hoje, a classe média negra tem tempo de escolarização cerca de três vezes maior do que o de seus pais

■ Pais ■ Filhos





de de São Paulo. Durante um bom tempo, foi mesmo assim. Os vários censos demográficos desde a década de 40 acusam uma diminuição acentuada da participação da população negra, enquanto cresciam o contingente branco e o pardo. Hoje, o que parece estar acontecendo é o contrário. A foto da capa de VEJA, por exemplo, mostra pelo menos três personagens que poderiam tranquilamente passar por "morenos", ou mesmo "brancos" — a atriz Camila Pitanga, o cantor Chrigor Lisboa, do grupo de pagode Exaltasamba, e Dinei, jogador do Guarani de Campinas. Os três, no entanto, insistem em identificar-se como negros.

Filho de pai branco e mãe negra, Chrigor, de 24 anos, perdeu a conta das vezes em que era pejorativamente chamado de "negrinho", nos tempos em que era

Eles eram tão racistas que me proibiam de encostar nos copos em que bebiam água

Fui escrava e não sabia. Tive uma infância muito pobre. Sou filha de mãe solteira. Eu, meu irmão e minha mãe morávamos numa casa que pertencia a uma família de fazendeiros, nos arredores de Salvador. Aos 7 anos, eu trabalhava na casa dessas pessoas sem ganhar nada em troca. Durante doze horas, limpava o chão, lavava os pratos, varria o quintal... Eles eram tão racistas que me proibiam de encostar nos copos em que bebiam água. Eu não podia esquentar minha comida nas panelas deles. Crescida, comecei a trabalhar como empregada doméstica. Nos finais das tardes de domingo ia

para a rua vender meus quitutes. Em 1990, abri meu primeiro restaurante, no quintal do barraco da favela onde morava. Hoje já tenho três restaurantes. Conquistei o sucesso. Senti todo o peso do racismo em minhas filhas. A caçula, Daniela, de 7 anos, já sofreu muito. Na escola, certa vez ela ouviu de uma amiguinha que se recusava a brincar com ela que negro não era gente. Daniela ficou deprimida. Disse que queria ser branca. Chorando, afirmava: "Mãe, eu quero ter o cabelo bonito, liso, fácil de pentear". Ela achava que os negros eram assassinos. Foi difícil convencê-la do contrário.

**Aldaci dos Santos, 37 anos, a Dadá,
dona do restaurante O Tempero da Dadá,
em Salvador e São Paulo**

gra da pele, o indicador do traço servil. Por esses dois aspectos operou-se a metódica classificação dos descendentes de negros. Mas hoje, quando as crianças negras já vão para a escola, quando Michael Jordan, o megaastro do basquete americano, com faturamento de 78,3 milhões de dólares em 1997, visita regularmente as casas brasileiras nas publicidades da indústria de artigos esportivos Nike, e o Pelourinho balança ao ritmo dos tambores do Olodum, morenos, sararás, gazos e escurinhos fazem questão de ser apenas uma coisa. "Estamos descobrindo que so-

mos mesmo é negros", diz o jornalista e militante negro Fernando Conceição.

É uma novidade. Desde o século XVIII, com os relatos dos naturalistas europeus, o Brasil é caracterizado como um país de intensa miscigenação. A partir da abolição da escravatura, com a entrada de imigrantes europeus, essa miscigenação foi compreendida como uma via para o embranquecimento do sangue negro. "O Brasil passou a ser visto como um país em transição, que um dia poderia vir a ser branco", escreve a antropóloga Luciana Mendonça, da Universida-



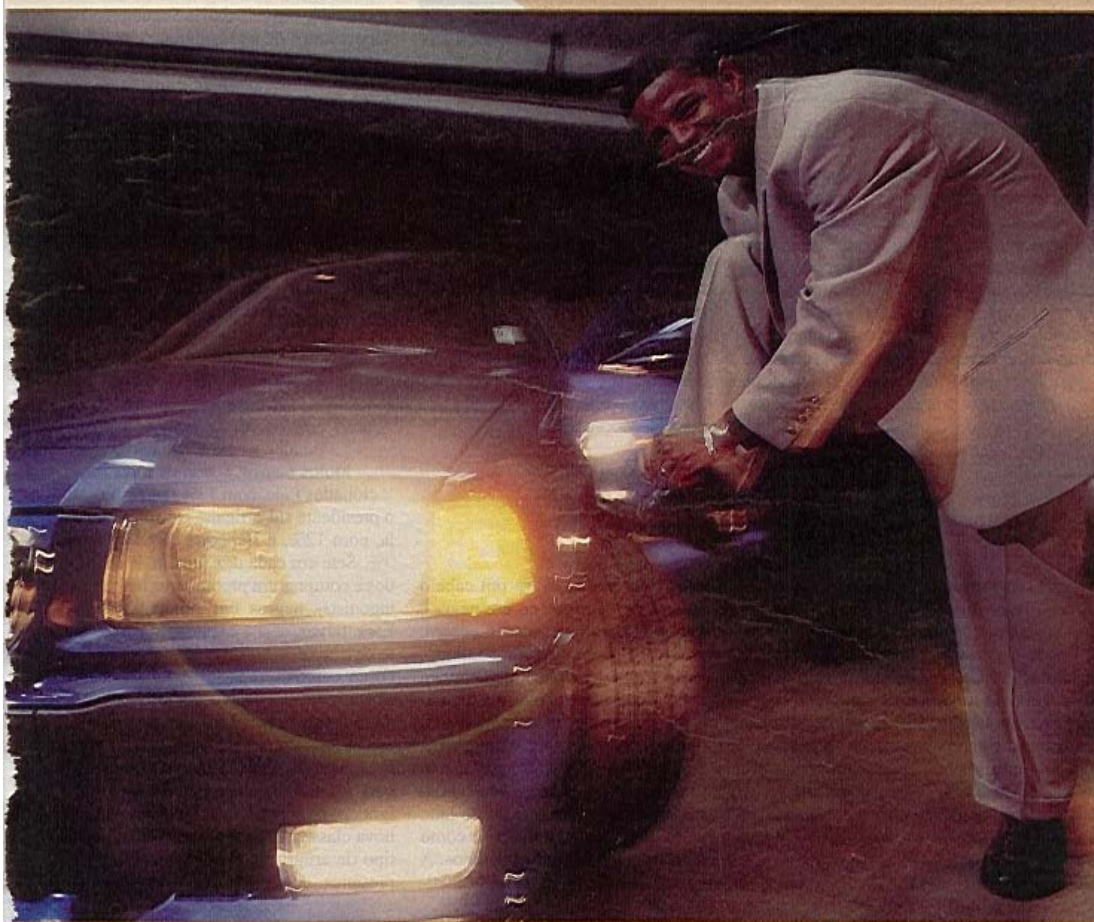
pobre. Como metalúrgico na região industrial do ABC paulista, ganhava 150 reais por mês. Há quatro anos tudo mudou. Depois do sucesso — 2 milhões de discos vendidos, uma casa, um apartamento, dois carros e, por baixo, 30 000 reais por mês —, o negrinho Chrigor virou rapaz de pele branca. “Agora que estou numa boa, as pessoas vêm com essa de me confundir com branco”, reclama o pagodeiro. “Eu sou negrão.” Com o mesmo empenho em demarcar suas origens, a atriz global Camila Pitanga, de 21 anos, conta que é alvo de muita confusão nessa área. “Já me acostumei a ser parada nas ruas por pessoas perguntando por que insisto em dizer que sou negra sendo ‘tão bonitinha’”, diz Camila. “É tão violento quanto o mais puro preconceito.”

Meus amigos diziam: “Também, teu pai é preto e lixeiro”

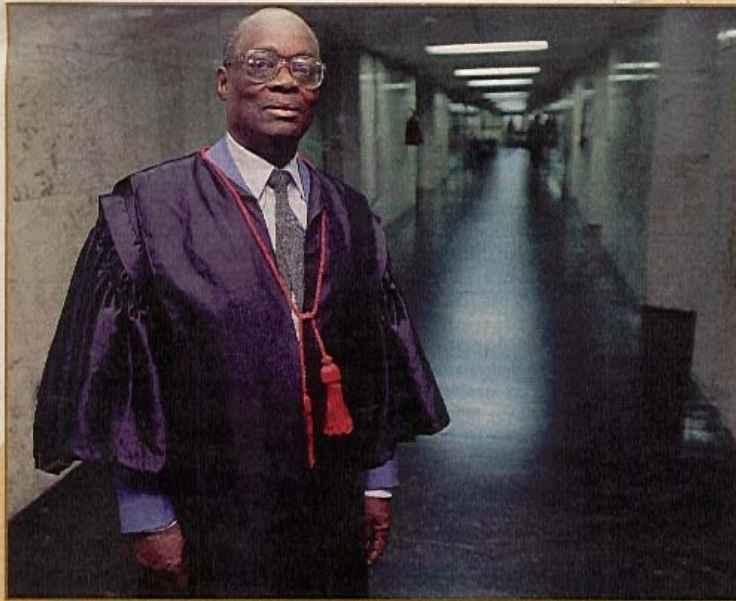
Desde os 12 anos, coloquei na minha cabeça que eu poderia me dar bem no futebol. Era um sonho, eu sabia. Então, por segurança, estudava para ser torneiro mecânico. Enquanto eu vendia pastéis em feiras livres, meus dois irmãos capinavam o jardim dos vizinhos. Mamãe oferecia tapetes nas ruas e papai era gari da prefeitura. A vida era difícil. Refrigerante e frango, só aos domingos. Na escola, como eu não tinha dinheiro para comprar doces na hora da merenda, meus amigos diziam: “Também, teu pai é preto e lixeiro”. Até hoje me lembro de um garoto branco, o Marcos. Ele

era muito rico para os nossos padrões, mas era o único que não se incomodava com a minha cor. Era meu melhor amigo. Trocávamos as roupas e ele deixava eu usar as dele, muito mais caras e bonitas do que as minhas. Eu nunca ia às festas boas do meu bairro. Tinha medo da discriminação. Sei que os gráfinos me olhavam de maneira diferente, então procurava o povão em bailes funk. Tudo isso era triste para mim, mas a pior decepção foi quando me apaixonei pela filha de um marinho. Ele não admitia vê-la ao lado de um negro com cabelo black power. E esse racista arruinou tudo.

**Marcelo Pereira Surcin, o Marcelinho Carioca, 26 anos,
jogador do Corinthians**



FOTOS: EGBERTO NOGUEIRA



Freqüento bons restaurantes e me acostumei aos olhares de espanto

Minha indicação para o mais alto cargo do Poder Judiciário carioca é uma homenagem aos meus ancestrais. Minha avó ganhou a liberdade graças à Lei do Ventre Livre. Não gosto muito de falar sobre racismo. Prefiro trabalhar e conquistar meus espaços. Não posso negar que já passei por situações desagradáveis, mesmo depois de me tornar juiz, há 24 anos. No início da carreira, dividia o gabinete com um colega branco. Os advogados entravam na sala e sempre se dirigiam direto para a mesa do colega, apesar de a minha ser a primeira. Só me cumprimentavam depois de informados do meu

cargo. Não guardo mágoas. Prefiro ouvir um bom jazz, dançar com Maria José, minha mulher há 33 anos, e brincar com minha nova paixão, Lucas, meu neto. Graças a Deus, o meu padrão de vida é superior ao dos meus pais. Eles eram gráficos da Imprensa Nacional. Educaram e ensinaram boas lições aos filhos. Freqüento bons restaurantes e me acostumei aos olhares de espanto. Minha filha, que é casada com um empresário argentino, já foi confundida com a babá do próprio filho. Apenas uma vez chegou a minhas mãos um processo de racismo. Não quis julgá-lo. Não teria isenção suficiente.

**Gilberto Fernandes, 65 anos,
primeiro desembargador negro
do Rio de Janeiro**

Os Estados Unidos forneceram muito dessa inspiração. A atriz Zezé Motta bem sabe. Em 1969, aos 25 anos, com o Teatro de Arena, estreou uma temporada no Harlem, reduto dos negros pobres de Nova York. O movimento black power ainda não havia eclodido com toda a sua força, mas os negros americanos já procuravam substituir o sentimento de humilhação por um tipo de orgulho barulhento da raça. Zezé apareceu usando uma peruca no estilo chanel — cabelos lisos, escorridos. “Os americanos perguntaram a Boal (Augusto Boal, diretor

do grupo) por que eu usava um cabelo que não era de negro se eu era negra”, lembra a atriz. Zezé arrancou a peruca. Mas seus cabelos de verdade continuavam a não ser os de uma negra. Estavam alisados. “Voltei para o hotel, lavei o cabelo e assumi meu lado negro”, conta. “Foi um batismo.” A experiência americana foi além. A revista *Ebony*, dirigida aos afro-americanos desde a sua fundação, ainda nos anos 40, deixou de lado os slogans anti-racistas para servir como um painel dos negros bem-sucedidos. A mensagem é a mesma passada por Neti-

nho: “Trabalho e sucesso”.

Os grupos militantes olham tudo isso com desconfiança, por achar que a revista conforma os negros aos ideais de realização dos brancos. Mas a *Ebony* tem um bom argumento. Ao retratar a beleza e o sucesso dos negros numa sociedade que ainda cultiva tantos preconceitos, contribui para elevar o amor-próprio e a integridade de seu público. A revista *Raça Brasil* também retrata o sucesso dos negros. Vende 100 000 exemplares ao mês, mas o mais interessante não é o mimetismo em relação ao modelo americano. A grande notícia é que haja tantos casos brasileiros a retratar numa publicação mensal, editada num país em que, anos atrás, negro era invariavelmente sinônimo de pobre e, em geral, analfabeto. O último número da revista contém uma reportagem com o sugestivo título “Tenho um carro importado, sim. E daí?” Seguem-se os depoimentos de treze negros.

As agências de publicidade já perceberam. Os ídolos afro-brasileiros influenciam os brancos na moda, na música, no esporte. Influenciam mais ainda os próprios negros. Para quantificar o grau de fidelidade dos negros de classe média a sua própria raça, a pesquisa da Grottera perguntou a todos os entrevistados quais seus três principais ídolos. Valia qualquer um. Roberto Carlos, Lula, Xuxa, Ayrton Senna, Gandhi. Foi surpreendente. A metade de todos os indivíduos que responderam citou exclusivamente ídolos negros, sendo os mais mencionados Pelé, com 13% das respostas, o presidente sul-africano Nelson Mandela, com 12%, e Benedita da Silva, com 9%. Sete em cada dez sentem-se induzidos a comprar um produto que tenha protagonistas negros em sua publicidade. Essa, talvez, seja a explicação para o fato de a Nike — com Jordan e Ronaldinho como garotos-propaganda — ser a primeira marca de tênis a ser lembrada pelos consumidores desse novo mercado, enquanto a Rainha é a recordista de lembrança dos consumidores brasileiros em geral. “Estávamos perdendo dinheiro, ao ignorar o potencial de consumo dessa nova classe média. Para vender qualquer tipo de artigo esportivo, por exemplo, a presença do negro é imprescindível”.

afirma Washington Olivetto, da agência W/Brasil, dona da conta da Grendene, que tem o jogador da seleção brasileira Roberto Carlos como protagonista nos comerciais de TV dos chinêlos Rider. "A alegria característica da raça negra favorece muito a publicidade", diz Olivetto. "Cativa consumidores de todas as cores."

Branco pintado de negro — As novelas foram na mesma direção, com o aparecimento de personagens negros de classe média. Um levantamento inédito realizado pelo Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro, Cidan, aponta que as novelas brasileiras ainda não levam em consideração o percentual da raça negra na sociedade, que pelo IBGE era de 44% em 1996, entre pretos e pardos. Nas novelas da Rede Globo, esse índice nunca

Graças a *Xica da Silva*, ganhei forças para lutar pelos negros do Brasil

Posso dividir minha vida entre antes e depois do filme *Xica da Silva*. Em 1970, cancelei um casamento porque a família do meu noivo entrou em pânico quando soube que ele se casaria com uma negra. A mãe do rapaz tinha crises e chegou a se internar num hospital. Eles não eram ricos, sabiam que eu não estava ali para aplicar um golpe. Mas me aceitariam apenas em uma condição: a de concubina, jamais a de esposa. Pulei fora. Depois do filme do Cacá Diegues, em 1976, passei a dividir com a Sonia Braga o título de símbolo sexual da década. Minha vida sexual deu um salto. Na-

morei alguns rapazes lindos, mas eles misturavam as coisas. Tinham a expectativa: "Vou me deitar com a Xica". Para eles, estavam indo para a cama com a melhor mulher do mundo. Era muito pesado. Eu me preocupava em não decepcioná-los. Fazia de tudo para corresponder ao papel da negra sensual. Resultado: esquecia de ter prazer. Precisei de um analista para superar essa fase e deixar de me considerar um objeto sexual. Mas, graças ao sucesso de *Xica da Silva*, ganhei mais forças para lutar em defesa dos negros no Brasil. Junto com outros atores, passei a discutir o nosso papel na sociedade.

Maria José Mota, a Zezé Motta, 54 anos
atriz



FOTOS OSCAR CAVALI



Com o tempo as pessoas descobrem que você é igual a elas

No ano passado, eu passeava num shopping de Curitiba com a minha mãe quando gostei de uma blusa. Entrei na loja. Vi o preço. Era caríssima. Mesmo assim quis experimentar. Mas ninguém me atendia. As vendedoras me olhavam de cima para baixo. Olhavam e faziam que não me viam. Fiquei nervosa e fui embora. Disse a minha mãe o que tinha acontecido. Decidi, então, voltar. Entrei e contei até dez. Todos continuavam a me ignorar. Aí explodi: "Será que tenho de abrir minha bolsa e mostrar o cartão de crédito?" Virei as costas e saí. A gerente então correu atrás de mim. Tentou me explicar

que não podia adivinhar que eu tinha dinheiro para comprar a blusa. Não quis ouvi-la, não. Poxa, só porque sou negra não posso ter dinheiro? O preconceito existe, sim. Acho que a partir do momento em que o negro passar a ocupar espaços antes frequentados principalmente por brancos a discriminação tende a diminuir. Com o tempo as pessoas descobrem que você é igual a elas e a relação fica normal. Nunca escolhi minhas amigas ou meus namorados pela cor. Procuro me aproximar de quem eu gosto e de quem tem idéias parecidas com as minhas. Meu namorado, por exemplo, é branco.

**Cinthya Rachel, 18 anos,
a Biba do Castelo Rá-Tim-Bum**

ultrapassou a casa dos 25,8%, número alcançado com a novela *Fera Ferida*, iniciada em 1993, que teve a participação de oito atores negros, num elenco de 31 artistas. De 1993 até este ano, oito entre 28 novelas globais não incluíram um único artista da raça negra. A participação é oscilante na maior emissora do país: em 1993, foram dezessete atores; dez em 1994; catorze em 1995; nove em 1996; e dezesseis no ano passado. Neste ano, entre as três novelas da Globo que estão no ar, apenas *Corpo Dourado* conta com negros, incluindo a atriz Zezé Motta, no papel da empresária

Liana, dona de uma pousada em Búzios. Em outras emissoras, aponta o levantamento do Cidan, o quadro não é muito diferente. A novela *Xica da Silva*, da Manchete, que teve início em 1996, contava com nove negros, entre os 54 atores do elenco. *Mandacaru*, também da Manchete, novela ambientada no Nordeste brasileiro, não tem nenhum artista da raça. A novela *Chiquititas*, do SBT, emprega quatro negros, entre os 32 atores.

É pouco. Mas é um salto gigantesco em relação ao que acontecia há apenas trinta anos, quando o personagem princi-

pal da novela *A Cabana do Pai Tomás*, sobre a luta de um escravo americano pela liberdade, era vivido por um ator branco. Pintado de negro, o galã Sérgio Cardoso contracenava com a doce Ruth de Souza, esta sim uma legítima representante da raça. O Pai Tomás de Sérgio Cardoso era uma caricatura tão grotesca dos negros quanto o cantor americano Al Jolson, também pintado de preto, fingindo-se de cantor de jazz na estréia do cinema falado, em 1927. O espaço vai sendo ocupado aos poucos. Se antes os negros tinham participação em papéis servís, hoje em dia, além de figurar como personagens de classe média, possuem instrução e têm elevado padrão moral e de conduta. Difícilmente o traficante ou ladrão é representado por um negro.

Durante as três semanas em que VEJA entrevistou craques do futebol e feras do basquete, empresários, atores, atrizes,



cantores e um desembargador, o juiz Gilberto Fernandes, o primeiro negro do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, os entrevistados falaram de ressentimentos que guardaram como vítimas do preconceito racial. Mas o tom predominante em nenhum dos casos foi de lamúria. Suas declarações em geral giram em torno de temas como dignidade, luta e orgulho pelas vitórias alcançadas. É uma grande notícia, num país que parece gostar de purgar remorsos retóricos pelo passado escravocrata sem nada fazer para mudar o presente. Os negros estão operando, eles mesmos, a grande mudança. O Brasil fica melhor. ■

Com reportagem de Manoel Fernandes, do Rio de Janeiro, Sandra Brasil, de Brasília, Cátia Campos, de Salvador, Eduardo Nanamura e Glenda Mezarobba, de São Paulo

Me condenam porque não sou de sentar em porta de boteco, de bar, rodeado de cerveja

Nossa raça ficou muito tempo no escuro, mas agora somos uma sensação. A revolução começou pela estética. O negro, hoje, se acha bonito, se veste melhor. Sou um modelo para os meninos que, como eu, foram criados na pobreza das periferias. Zelando pela minha imagem, me cuidando, sei que posso melhorar a auto-estima dessa garotada e servir de exemplo para eles. Não bebo, não fumo, não curto drogas. Percussionistas e cantores mais antigos me chamam de mauricinho. Me condenam porque não sou de sentar em porta de boteco para tocar, rodeado de cerveja. Podem criticar,

mas eu não sou disso, não. Precisamos crescer com consciência, seguir uma ideologia, promover ações solidárias. Nossos pais eram aplaudidos quando deixavam a escola para trabalhar. Nossos avós pensavam: "Que bom, meu filho não é vagabundo". Resultado: ficaram burros. Não tinham cultura para se relacionar com o branco, que por sua vez não sabia como tratar o negro. A minha geração também começou a trabalhar cedo, mas não largou os estudos. Meus pais sempre disseram que eu devia ser melhor que eles. Que eu tinha de trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Por isso, a luta contra o preconceito é mais eficiente.

José de Paula Neto, o Netinho, 27 anos, vocalista do Negritude Junior



ANEXO 2

Comportamento

PATRULHA DO UMBIGO

Escolas dos EUA controlam calça de cintura baixa

Instalada no Brasil há pelo menos cinco verões, a calça de cintura baixa demorou a pegar nos Estados Unidos. Em compensação, agora que o modismo se propagou com força por lá, está causando um furor muito maior. Em vários sentidos. Como a tradição puritana da sociedade americana sempre encontra espaço para se renovar, as barriguinhas de fora estão deixando muitas mães e professoras loucas para desfechar uma patrulha. Perto da volta às aulas, na segunda semana de setembro, já há escolas que se preparam para impor limites à quantidade de área abdominal à mostra. "Vai estar em nossa primeira carta circular: 'Proibido exibir a barriga'", avisa Barbara Merchant, diretora de uma escola em Clinton, Estado de Maryland. Ao contrário do Brasil, onde o modismo renasceu nas ruas, nos Estados Unidos o processo se deu de cima para baixo. As grandes responsáveis pela rendição americana às barriguinhas de fora são estrelas do show business, como Jennifer Lopez (dona de uma grife recém-lançada em que predomina a combinação de calças e saias lá embaixo com blusinhas lá em cima), Christina Aguilera e, principalmente, a musa teen Britney Spears, fervorosa adepta do umbigo de fora.

Quando estive no Brasil para se apresentar no Rock in Rio, Britney ganhou, e aprovou, calças da marca carioca Gang, justíssimas e reduzidíssimas favoritas das meninas do funk. Na Gang, a altura da cintura da calça é quatro a cinco dedos abaixo do umbigo; a comportada média americana, por enquanto, fica em três. "Mas eles estão ousando cada vez mais", afirma Sarita Dal Pozzo, estilista da Levi's brasileira, cujo jeans Super Low (fe-



A Levi's de dois botões, nacional, e Britney Spears, a musa inspiradora das americanas: furor



chado por dois únicos e valiosos botões) serviu de inspiração para o Two Low, próximo e já cobiçado lançamento da matriz americana. Cercadas de umbigos à vista por todos os lados, mães de adolescentes americanas armaram tal escarcéu que a cadeia de lojas J.C. Penney teve de tirar do ar um comercial considerado ousado demais. No filme, uma mãe olhava para a filha apertada em um jeans mínimo, dizia "Você não pode ir à escola vestida assim" e, ato contínuo, baixava um pouco mais a cintura da calça. "A J.C. Penney respeita os valores que os pais passam aos filhos", penitenciou-se, contrita, a empresa em um comunicado. Na televisão, a calça sumiu. Nas lojas, porém, continua a vender feito água. Se o modismo persistir, como é extremamente provável, talvez a indústria da confecção venha a chegar ao estágio mais avançado das calças de cintura baixa: o da modelagem brasileira, em que o corte um pouco mais alto atrás e nas laterais, e bem mais baixo na frente, se ajusta melhor aos quadris e produz um caimento que as similares americanas ainda não têm. ■

ANEXO 3

tá pintando por aqui

todateen

Ano 7 - nº 80



CAPA
Foto: André Wanderley
Produção: Vice & Versa
Maquiagem: Inez Barreto
Produção Gráfica: Luciane Mendonça

22 Guia da Paixão

Quer viver um grande amor?
Então, se liga nas dicas

superposters

31 PEDRO E THIAGO



27 HENRI CASTELLI

gatos

- 7 SERGIO MARONE
- 9 IRAN MALFITANO
- 47 KLB
- 59 MÁRIO VELLOSO
- 75 VLADIMIR BRICHTA

moda

54 O BABADO DA ESTAÇÃO!

aqui tem

- 8 TODA TUA
- 12 X-TUDO
- 15 BALAIO DE GATOS
- 18 BELAFERA
- 26 SEXO 100 VERGONHA
- 35 PENSANDO NO FUTURO:
CABELEIREIRA
- 44 NAS ESTRELAS
- 50 MODA IN
- 58 CIA DA BELEZA
- 60 HITS
- 61 MUSIC
- 64 TOQUES
- 67 TINTIM POR TINTIM
- 74 GALERA

amor

- 19 DOR DE AMOR
- 38 ENFIM SÓS
- 48 ELE É DEMAIS!
- 62 SIGNOS E TRAIÇÃO
- 68 CHEGA DE
ENROLAÇÃO
- 72 POR QUE ELES
FOGEM?
- 76 BABA, BABY!

testes

- 70 ELE É O CARA CERTO
PRA VOCÊ?
- 80 VOCÊ ESTÁ PREPARADA
PARA NAMORAR?

40 Ele está apaixonado?

Fique sabendo (mesmo)
se o gato está na sua

beleza

42 HIDRATAÇÃO

78 Virgindade

Tudo o que você precisa saber para ficar
por dentro do assunto

Especial

- 36 ENTREVISTEEN:
OS TRAVESSOS
- 52 É SÓ CURTIÇÃO



ANEXO 4

MEU PAI FUMA MAC

Ganha corpo o fenômeno do “baseado em família”: o de pais que compartilham o uso da droga com os filhos

Ariel Kostman

Felipe é um dentista de 53 anos. Como tantos outros de sua geração, começou a fumar maconha nos anos 60, quando a erva fazia parte do pacote básico dos jovens que queriam “contestar o sistema” ou apenas “curtir numa boa” (ah, como as gírias se tornam bobocas com o passar do tempo...). Felipe acendia baseado escondido dos pais. Depois de adulto e casado, continuou a fumar os cigarrinhos enrolados em papel de seda, mas sem ocultar o hábito de seus dois meninos. Hoje, a maconha é um item menos presente no cardápio de Felipe. Mas se tornou algo a ser compartilhado com os filhos. No mês passado, ele e Lúcio, o

primogênito de 26 anos, introduziram o caçula de 16 na rodinha de fumo caseira. “Nessas ocasiões, ficamos alegres, rimos bastante”, diz Felipe.

O fenômeno do “baseado em família” já apresenta proporções suficientes para chamar a atenção dos especialistas no tratamento de dependentes químicos. Nos Estados Unidos, vinte de cada 100 jovens internados em clínicas de desintoxicação tinham o costume de fumar maconha com os pais. Cerca de 5% deles foram apresentados à erva por papai ou mamãe. No Brasil, os números que emergem dos consultórios médicos impressionam. Dos dependentes atendidos pela psicóloga paulista Sueli de Queiroz, uma das mais respeitadas do país, metade é composta de pais que

usam a erva com os filhos ou de filhos que dividem o baseado com os pais. O psiquiatra Arthur Guerra de Andrade, diretor do Grupo Interdisciplinar de Estudos de Alcool e Drogas da Universidade de São Paulo, lembra a história de um de seus pacientes, um adolescente de 17 anos. Filho de um alto executivo, o rapaz foi expulso da escola depois de ter sido flagrado com um cigarro de maconha. O pai, ao invés de lhe dar uma bronca ou de encaminhá-lo a um psicólogo ou algo que o valha, ensinou-lhe macetes de como fumar sem correr o risco de ser pego.

Para esses pais, fumar maconha é uma experiência inócua, que serve inclusive para estreitar laços. “É como tomar um cálice de vinho ou um copo de cerveja ao lado de quem se gosta”, compara a empresária Lúcia, de 45 anos, que de vez em quando enrola um baseado com João, seu filho de 19. É uma visão equivocada. Assim como o álcool e o tabaco, a maconha faz mal, sim, à saúde. Com uma agravante: é droga ilegal. Esse fato, no caso do “baseado em família”, tem implicações maiores do que a pena criminal. Uma das funções dos pais é inculcar nos filhos a obediência a determinados códigos. Em muitos pontos, as figuras paterna e materna encarnam as próprias regras sociais, o que é essencial não só para a educação, como para a formação da personalidade da criança e do jovem. “Quando um adulto usa a droga com o filho, está sinalizando que não é preciso respeitar a lei, nenhuma lei. A partir daí, cria-se uma confusão que pode levar a distúrbios psíquicos e de comportamento”, critica o psiquiatra gaúcho Sérgio de Paula Ramos. Em resumo, pai é pai, amigo é amigo. O “pai amigo”, que até fuma baseado, é uma daquelas modernices que só servem para causar transtornos. Os especialistas são unânimes: se um adulto é usuário de maconha (ou de qualquer outra droga), que a utilize



MACONHA COMIGO

longe da vista de seus filhos. A hipocrisia, aqui, é mesmo um elogio que o vício presta à virtude.

Existe, ainda, um contingente expressivo de pais que, embora não fumem maconha, permitem abertamente que seus filhos o façam dentro de casa — na linha “melhor aqui do que lá fora”. Há também aqueles que fingem não ver o que ocorre. Permanecem na sala, tentando ignorar aquele cheirinho de mato que vem do quarto. Esse universo foi abordado num estudo realizado pela antropóloga Rachel Trajber. Durante três meses, Rachel conviveu com sessenta jovens de 12 a 21 anos, de todos os segmentos sociais da cidade de São Paulo. Os jovens de classe média, principalmente, mencionaram um “certo consentimento” dos pais em relação ao uso da erva. Essa atitude não é tão perniciosa quanto consumir a droga ao lado dos filhos, mas ajuda a cristalizar a idéia de que maconha não faz mal e de que é um

erro incluí-la no rol dos entorpecentes. A maioria dos pesquisados, aliás, acredita que só as substâncias mais pesadas, como cocaína, crack e ecstasy, podem ser consideradas drogas. Eles, assim como seus pais, deveriam ser informados de que nunca a erva foi tão perigosa. Nos últimos quarenta anos, a concentração de THC, o princípio ativo da maconha, aumentou muito (veja quadro). Conseqüentemente, seu poder de viciar também. Uma pesquisa conduzida pela psicóloga Flávia Jungerman, supervisora do Ambulatório da Maconha da Universidade Federal de São Paulo, traçou o perfil dos usuários no Brasil. Eles começam a fumar por volta dos 14 anos e mais da metade enrola mais de um baseado por dia. “Os jovens precisam que alguém imponha limites”, afirma Flávia. Isso cabe a você, pai. ■

MAIS FORTE E MAIS PERIGOSA

O princípio ativo da maconha é o THC, sigla de tetrahidrocanabinol. É ele o responsável pelas sensações de relaxamento e desinibição experimentadas por quem fuma a erva. Traduzindo: aquele sorrisinho estereotipado é causado pelo THC. A fome que todo usuário sente depois de fumar — a popular “larica” — também é obra do THC. Nos últimos quarenta anos, a presença dessa substância aumentou muito nos baseados enrolados pela moçada. Na década de 60, um cigarro da erva continha 0,5% de THC. Atualmente, estudos americanos apontam para níveis de até 5%. Há ainda o skank, a supermaconha desenvolvida em laboratório, com 20% de THC. Por causa dessas altas taxas de princípio ativo, a maconha hoje vicia mais e inflige danos ainda maiores ao organismo. O uso freqüente da droga diminui a coordenação motora, altera a memória e a concentração. Pode levar o usuário a crises de ansiedade e depressão. Além disso, prejudica o funcionamento do sistema respiratório — acarreta infecções de garganta e de pulmão. O THC é apenas um dos 400 compostos químicos encontrados em um cigarro de maconha. Alguns deles são cancerígenos, como o alcatrão.